

Revista da AFELCE

Ano 4-Nº4 | Fortaleza - CE | junho de 2019

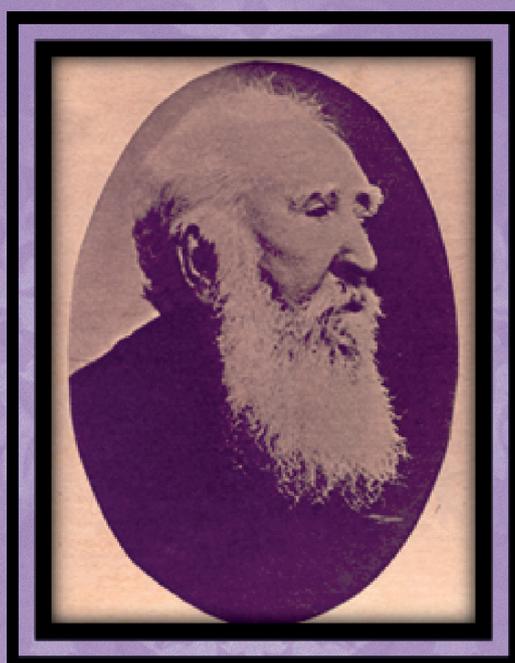


Um Binômio Notável



17 Anos
2019

EDIÇÕES
INESP



OBRIGADA!

Essa é a palavra que a Academia Feminina de Letras do Ceará, pronuncia, em agradecimento, a gentil família Galeno: ao poeta Juvenal; à Henriqueta, sua filha; aos netos: Nenzinha e Alberto; e ao bisneto, Antônio, atual diretor da Casa.

Não podemos deixar de documentar, o reconhecimento de tão valiosa contribuição. Há cem anos, o Sodalício dos Galenos recebe aqueles que buscam seu abrigo para se alimentarem da ceia de conhecimentos.

Nossa eterna GRATIDÃO.



Revista da AFELCE



Um Binômio Notável

Ano 4 - Nº4 | Fortaleza - CE | junho de 2019



**Assembleia Legislativa
do Estado do Ceará**

Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o
Desenvolvimento do Estado do Ceará

**EDIÇÕES
INESP**

Expediente

Revista da AFELCE – Academia Feminina de Letras do Ceará
Mulheres & Letras – um binômio notável – uma produção do Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o Desenvolvimento do Estado do Ceará

Copyright © 2019 by Inesp

Ano 4 - Nº4 | Fortaleza - CE | junho de 2019

AFELCE

Editora chefe: Maria do Socorro Cavalcanti.

Jornalista: Gutemberg Liberato de Andrade.

Conselho editorial: Maria Argentina Austregésilo de Andrade,
Sonia Maria Nogueira, Gutemberg Liberato de Andrade, Maria do Socorro Cavalcanti
e Clara Lêda de Andrade Ferreira.

Revisora: Clara Lêda de Andrade Ferreira.

Capa e Diagramação: Ed Batalha.

Inesp

Coordenador editorial: Prof. Dr. João Milton Cunha de Miranda.

Assistente editorial: Valquiria Moreira.

Projeto Gráfico: José Gotardo Filho.

Coordenação de impressão: Ernandes do Carmo.

Imagens

Obtidas nos sites: <http://pt.freeimages.com/>, <http://www.freepik.com/> e <http://www.stockvault.net/>, para uso cultural, educacional, não comercial, sem fins lucrativos e distribuição gratuita, de acordo com as regras destes.

Apoio: Assembleia Legislativa do Estado do Ceará.

Impressão: Gráfica do Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o Desenvolvimento do Estado do Ceará - Inesp.

Tiragem: 300 exemplares.

Edição Institucional da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará

VENDA E PROMOÇÃO PESSOAL PROIBIDAS

Catalogado por Daniele Sousa do Nascimento CRB-3/1023

Revista Mulheres & Letras – um binômio notável / Academia Feminina de Letras do Ceará. – Ano 4, n.4 (junho 2019). – Fortaleza: INESP, 2019-.
v. : il. ; 29cm.
Anual.
Editora: Maria do Socorro Cavalcanti.

1. Literatura, Brasil. I. Academia Feminina de Letras. II. Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o Desenvolvimento do Estado do Ceará.

Permitida a divulgação dos textos contidos nesta revista, desde que citados autores e fontes.

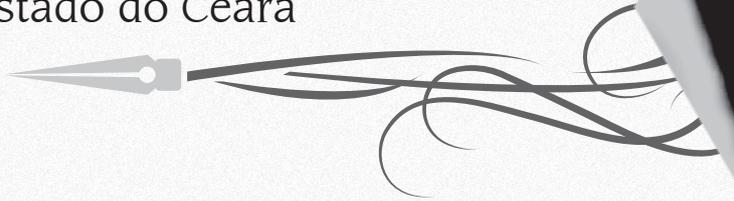
Editora Inesp | Av. Desembargador Moreira, 2807

Ed. Senador César Cals, 1º andar – Dionísio Torres

CEP 60170-900 – Fortaleza - CE - Brasil

Tel: (85)3277.3701 | <https://al.ce.gov.br/index.php/institucional/inesp> | presidenciainesp@al.ce.gov.br

Palavras do Presidente da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará



Os textos desta edição da "Revista Mulheres & Letras – um binômio notável", de autoria dos membros da Academia Feminina de Letras do Ceará – AFELCE, comemoram os 17 anos de desenvolvimento de um trabalho que, alinhado aos ideais desta Casa Legislativa, valoriza a leitura na formação da cidadania.

A questão da formação de leitores já entrou na pauta das políticas públicas há algumas décadas, mas, ainda assim, precisa ser fortemente incentivada. A formulação dessas políticas culturais faz parte de um amplo plano que visa ao desenvolvimento socioeconômico do país, pois instiga o indivíduo a refletir sobre o cotidiano da sua comunidade e, principalmente, a atuar ativamente na melhoria da sua realidade.

A Assembleia Legislativa do Estado do Ceará, por meio do seu Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o Desenvolvimento do Estado do Ceará - Inesp, distribui esta revista, entendendo-a como um modo de alcançar a dimensão do poder transformador da leitura que estimula a descoberta do conhecimento e nos transforma enquanto cidadãos.

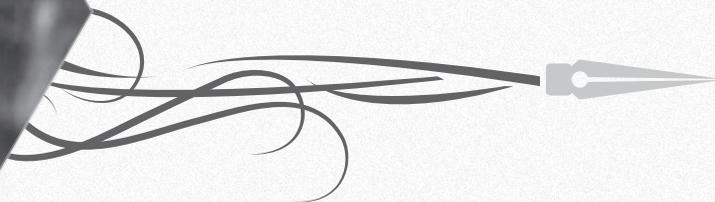


Deputado José Sarto
Presidente da Assembleia
Legislativa do Estado do Ceará





Palavras do Presidente do Inesp



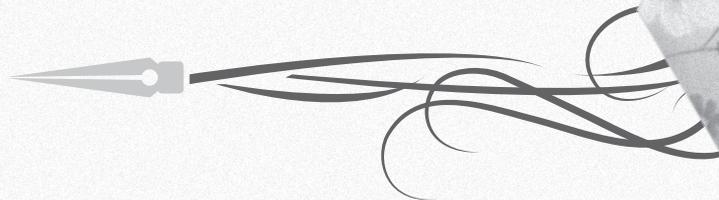
A "Revista Mulheres & Letras – um binômio notável" chega à sua quarta edição, mantendo a mesma qualidade que, primorosamente, é desempenhada. Com o toque especial das mãos femininas, as composições em prosa e verso são lapidadas à perfeição, portanto, a Assembleia Legislativa do Estado do Ceará, com imenso orgulho, por meio do seu Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o Desenvolvimento do Estado do Ceará – Inesp, oportuniza a editoração da Revista, por entender a importância que ela exerce na divulgação das criações literárias do seletivo grupo de escritoras cearenses, cuja contribuição continua enriquecendo a Cultura do Ceará e do Brasil.

Nosso orgulho se evidencia, quando percebemos que a Terra da Luz, de Iracema e de Juvenal Galeno, mostra-se gigante no cenário da cultura nacional. Sua produção literária não fica atrás de nenhum outro estado da Federação e, considerando seu percurso histórico, evidencia-se, desde sempre, o talento feminino, são nomes ilustres que se perpetuam nas letras, nas artes, no movimento abolicionista e tantos mais.

No dia primeiro de junho de 2019, comemorar-se-ão os dezessete anos da Academia Feminina de Letras do Ceará e o centenário de sua sede. Na programação, um sarau, lítero-musical lembrará os oferecidos pela família Galeno, no século XX. Nessa ocasião, será apresentada a "Revista Mulheres & Letras – um binômio notável".

Prof. Dr. João Milton Cunha de Miranda
Presidente do Instituto de Estudos
e Pesquisas sobre o Desenvolvimento
do Estado do Ceará – Inesp

Palavras da Presidente da AFELCE



2017 foi um ano especial para a Academia Feminina de Letras do Ceará - AFELCE. Primeiramente, porque, em 08 de junho, do referido ano, comemoramos os 15 anos de sua existência, uma jornada de trabalhos voltados para a literatura. Antes, porém, em abril, por dez dias participamos da Bienal do Livro, no Centro de Eventos de Fortaleza, no estande da Casa de Juvenal Galeno e o apoio afelciano foi destaque. Recebemos visitantes, divulgamos a Casa do Poeta, fizemos palestras e lançamentos de livros. De Arleni Portelada, "Lendas do Piauí"; Clara Lêda, "Arranhãozinho" e "Baía na terra de Zel", infantis; Sonia Nogueira, "A Gatinha Mimosa" e o "Dilúvio dos Animais", infantis; Célia Oliveira, "Recôndito das Pérolas", poesia, relançamento.

Em 27 de setembro a AFELCE marcou presença nas comemorações de aniversário da Casa de Juvenal Galeno com o lançamento da primeira Antologia, intitulada "Mulheres & Letras – um binômio notável".

No dia 07 de outubro receberam colar acadêmico e diploma três valiosas beletistas: Maria José Esmeraldo, Doutora, com tese publicada em dois livros: "Bullyng nas Escolas" e "Violência: dos Laços Familiares aos Bancos Escolares"; Nubia Brilhante, exímia declamadora; e Rosana Mamerton, Mestre, com livros de Biologia trabalhados em Escolas particulares em âmbito nacional.

Na data de 04 de novembro ocorreu a solenidade de entrega de troféus e diplomas aos alunos vencedores do oitavo Concurso Literário, professora Evan Bessa. A grande novidade foi a participação, emocionante, dos alunos do Instituto dos Cegos. Na ocasião foram entregues, aos alunos, professores, acadêmicas e convidados a "Antologia".

Agora, em 2019, depois de uma longa espera, chega às mãos dos leitores, a quarta edição da cativante "Revista Mulheres & Letras – um binômio notável". Em agosto estaremos participando de mais uma bienal do livro, em setembro será co-

memorado o Centenário da Casa de Juvenal Galeno e em outubro, a solenidade de premiação dos alunos vencedores do IX Concurso Literário Professora Sonia Nogueira. Diante do exposto, presume-se seu avanço constante, firme, simpático, levando a AFELCE a palmilhar por espaços isentos de fronteiras.

Segredo não existe. A simplicidade, a promoção de um relacionamento fraterno, a ética e a seriedade nos trabalhos, fundamentam a filosofia da Academia Feminina de Letras do Ceará, fundada e presidida, inicialmente, por Eliane Maria Arruda Silva, atual Presidente de Honra. Deixaram também suas pegadas, Zinah Alexandrino e Argentina Austregésilo e, desde 2014, sob nossa direção.

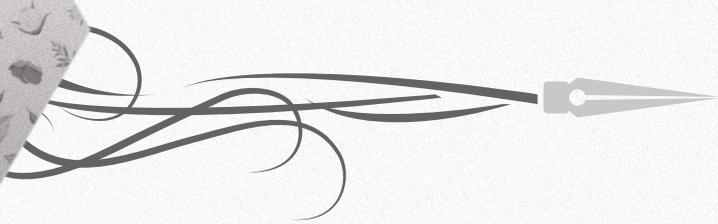
Cada lançamento é uma estreia diferenciada pela "tempestade de ideias" que surge. Assim a Revista chega às escolas, aos lares, salas de espera de consultórios médicos e odontológicos, hotéis, nas aeronaves, em voos nacionais e internacionais. Portanto, agradecemos a cortesia do INESP, através de seu Presidente, João Milton Cunha de Miranda e as afelcianas, por se manterem disponíveis, colaborando, sempre, para o crescimento de nossa Academia e da Literatura.

"O segredo não é correr atrás das borboletas, mas sim, cuidar do jardim para que elas voltem sempre".

Clara Lêda de Andrade Ferreira
Presidente da AFELCE



Editorial



O valor de uma instituição pode muito bem ser aquilatado pelos serviços que ela direciona ao desenvolvimento do ser humano.

Conforme a afirmativa, a qualidade da produção literária da "Revista Mulheres & Letras – um binômio notável", é garantida pelo grupo de escritoras que, determinado, não recua diante de outros tantos afazeres, mas sim, se dispõe a colaborar, por reconhecer o benefício que a Revista exerce quando chega às mãos dos leitores.

O importante fato justifica a solidez do projeto executado pelas sócias da Academia Feminina de Letras do Ceará – AFELCE, diante do comprometimento com a Literatura, não medem esforços para construir outros veículos informativos, usando uma escrita que estimule a leitura.

Para isso, abordam temas do gosto do público, o que garante o cumprimento dos objetivos a que se propõe a Revista.

Observem que ampliamos o número dos convidados especiais, seis (6), são presidentes de instituições literárias, sediadas em Fortaleza, dentre eles realçamos a Professora Ângela Gutierrez, primeira mulher eleita Presidente da Academia Cearense de Letras e a escritora Matusahila Santiago, Presidente da ALA Feminina da Casa Juvenal Galeno.

A riqueza do material, destinado ao público, é posta em destaque nos textos dos coautores, cuja narração mexe com o mundo imaginário do leitor, pondo em evidência um ambiente de surpresas, emoções e suspense.

No tocante ao conteúdo dos contos e crônicas, destacamos as conexões estabelecidas entre as duas realidades: narrador e leitor, podendo o escritor despertar, em seu semelhante, reflexões tais como: o "quê", o "por quê" e o "para quê" dos acontecimentos no cotidiano e ajudar a conduzir o indivíduo para o caminho desejado: o de um futuro promissor.

Os poemas estão impregnados de ternura. Entre versos é possível encontrar beleza, felicidade, paz, sofrimento e dor, sentimentos da vida das pessoas.

A devoção, a crença, são suportes que muito auxiliam através da fé em Deus, por isto, nesta obra coletiva encontram-se temas de interesse da família, dos jovens e da comunidade.

Podemos exemplificar através da produção poética do jovem Felipe Matos, de 19 anos, participante do projeto "A ALACE ABRE CAMINHOS PARA AOS JOVENS", figurada no blog da Academia de Letras e Artes do Ceará – <http://academia-alace.blogspot.com/2017/10/a-alace-abre-caminho-para-juvent.html>

Sua criação poética, intitulada "SAL", merece ser conhecida e divulgada a exemplo do que fez a conceituada poetisa Ida Carvalho, sócia efetiva da AFELCE e sócia fundadora da ALACE.

Após uma análise a escritora confirma o valor deste moço e reforça a crença da ALACE na luta pela obtenção de investimentos para os jovens, a fim de que possam alcançar posições de destaque nas letras, nas artes, na educação, no setor socioeconômico, na política e em todas as esferas com o pleno exercício da cidadania e do cristianismo.

Na intenção de disseminar a cultura, a Revista será encaminhada para bibliotecas públicas e particulares, entregues em outras Academias, repassadas para os representantes do Jornal Sem Fronteiras, residentes no Brasil e no exterior, por ocasião dos encontros anuais e regionais, promovidos pela Rede Mídia de Comunicação Sem Fronteiras, sediada no Rio de Janeiro e dirigida pela jornalista Dyan-dreia Valverde Portugal.

Portanto, nossos agradecimentos ao presidente do INESP, Dr. João Milton Cunha de Miranda, ao presidente da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará, Deputado José Sarto, as Afelcianas e convidados especiais que, prontamente, atenderam ao nosso convite se incorporaram na luta pela disseminação do saber, através da palavra escrita, firmada na vivência do mundo dessa arte tão sublime e especial, conhecida por Literatura.

Maria do Socorro Cavalcanti
Editora Chefe da Revista

Sumário

Produções das Acadêmicas	10	Cadeira nº 20 – Mônica Serra Silveira	45
Cadeira nº 1 – Eliane Maria Arruda Silva	11	Mulheres escritoras na intimidade	45
Persistência	11	Cadeira nº 21 – Maria Ida Francisca	49
Cadeira nº 2 – Gilda Maria de Oliveira Freitas... 13		Rodrigues de Carvalho	49
Como explicar... ..	13	Um maçante assobiador	49
Cadeira nº 3 – Socorro Cavalcanti	15	Visão de arte	51
Quantas surpresas	15	Agradecimento	51
A busca	17	Cadeira nº 27 – Rosana Mamerton	52
Cadeira nº 4 – Arleni Portelada	18	Sonho de vitalina	52
Conquistas da AFELCE	18	Cheiro de avó	52
Minha poesia viver	19	Cadeira nº 29 – Célia Oliveira	53
A poesia	20	As jangadas	53
Cadeira nº 6 – Clara Lêda de Andrade Ferreira.....21		Cadeira nº 31 – Nice Arruda	55
Vovô Eliezer	21	Plantão 12 horas	55
Paixão de mãe	22	Cadeira nº 37 – Eugênia Maria Carrah de Sales57	
Saudação à Neide Freire	23	Voos altos, voos rasantes	57
Cadeira nº 10 – Francinete de Azevedo Ferreira25		Semideuses	58
Um nome - Uma saudade	25	Convidados Especiais	
Relembranças	26	Ângela Gutierrez	
Sobre “Caleidoscópio”	27	Como Nasceu o Silêncio da Penteadeira	59
A história do menino Zé Mitôca	28	Matusahila Santiago	
Cadeira nº 11 – Argentina A. de Andrade	29	Amanhã	61
Semente	29	Lúcia Recamonde	
Minha boneca	29	If I Were Seventeen Again	
Cadeira nº 13 – Zinah de Oliveira Alexandrino ..30		(<i>Se eu tivesse novamente dezessete anos</i>)	62
Log'doso	30	Vanessa Gomes de Moraes	
PVC	32	As Mulheres do Egito	64
Tribal	33	José Odmar de Lima	
Enigma	33	Ecloração	65
Cadeira nº 14 – Ana Maria do Nascimento	34	Silas Falcão	
Escalada de um enigma	34	Pai, me dê a mão!	66
Essência da vida	35	Felipe Matos	
Eterna lembrança	36	Sal	67
Cadeira nº 16 – Núbia Brihante	37	Apreciação do poema Sal	
São outros tempo	37	pela acadêmica Ida Rodrigues	67
Cadeira nº 17 – Rita Guedes	38	Entrevista	
Ao longo dos anos	38	Dr. Antonio Galeno	
Sonho telepático	40	Por Francinete de Azevedo Ferreira, cadeira nº10	68
Cadeira nº 18 – Sonia Maria Nogueira	41	Mensagem	
Escrita e escritor	41	Afelcianas “no mundo do faz de conta”	
Quando?	42	Por Francinete de Azevedo Ferreira, cadeira nº10	70
O planeta	43	Hino da AFELCE	71
Dá-me tua mão pantum	44		



Produções das
Acadêmicas

Cadeira nº 1

Eliane Maria Arruda Silva

Presidente de Honra da AFELCE
e.mas2000@hotmail.com



Persistência

Ultimamente, ela vem distraíndo a persistência dos grandes tédios com pensamentos voltados para amores livres e, às vezes, clandestinos. Antes, usuária de um viver tomado por inúmeras tarefas impostas pelo cotidiano do seu desgastante ofício e, em consequência, não lhe sobrava tempo para dedicar-se às coisas do amor.

Saindo, praticamente, das sombras do nada; das garras de uma pobreza quase extrema, batalhara, insistentemente, a fim de sustentar um apartamento seu, a beleza de um carro do ano e uma casa razoável na praia.

— Ah... Coisas de classe média — ela exclama tecendo esgares de inconformação.

Agora, caminha sobre uma vida dotada de bem mais sossego, portanto começa a se enxergar mulher... fêmea, capaz de ir a luta para a conquista de inúmeros amores.

Inicia, rápido, um tratamento com psicanalista para melhorar sua autoestima e libertar-se das neuróticas manchas de preconceito do passado sobre o que envolve esse tipo de amor.

Preocupa-se, porque a cada dia, mais se sente fortalecida para deslumbrar-se com o céu de aventuras amorosas:

— Cuidado! Muito cuidado! — previne o especialista. Cada um precisa estar bastante consciente da sua própria natureza, antes de esboçar qualquer atitude!

Principia uma grande caçada a fim de se aproximar da pessoa mais parecida com a ideal. Conhece várias, mas nenhuma tem o dom de soterrar o abismo que se instalara nas terras mais fragilizadas da sua carência. Muitos dos seus namorados ou amantes, na hora de ações mais resolutas, revelaram-se total inadimplência. Ela não consegue, de maneira nenhuma, atinar sobre o porquê dessas ocorrências.

Num processo de analogia e conjecturas interiores, relaciona os fartos incidentes com a ausência de beleza física dos parceiros:

— Talvez, no meu íntimo, — pensa — não os ache interessantes, motivando para, na hora H, plum!... Tudo desmoronar...

Sentira uma grande comoção e ficara a navegar nas águas de uma grande pena, quando um dos últimos que conhecera, senhor de uma cultura e educação indescritíveis, revelara-se total incompetência, na hora em que tudo estava armado para o grande espetáculo, por isso ela continuara atenta ao fantasma terrível da insatisfação.

Instiga, por isso, a sua coragem para se dirigir a beleza dos futuros candidatos e conhece, para o seu grande encantamento, a figura máscula do Élcio. Nos olhos, o fulgor das ousadias; no corpo, qualidades apolíneas. A alma adoce de sorver tanto a volúpia.

E lança o sonho, numa grande fantasia — coisa

de mulher. Passa a flutuar no meio das emoções mais eróticas. Saberá, desta vez, o que é um homem... Numa noite lúbrica, de plena sexta-feira, tudo se encaminha para este conhecimento, e ela suspira romanticamente:

— Ah, meu Deus... — ela preliba os momentos sensuais daquela noite. — Depois... poderei até morrer... porque... porque... terei me realizado com esse tesouro...

Mas não morre, para o seu desapontamento. Colige, apenas, mais uma de suas antigas decepções: o deus, o Apolo, o incentivador de tantas fantasias eróticas, revelara-se um pássaro... Mas um pássaro de asas cortadas e não alçara o voo esperado...

Eu hem! — ela resmunga, já deglutindo um certo complexo de inferioridade. — Por essa, eu não esperava!

.....



Cadeira nº 2 Gilda Maria de Oliveira Freitas

Patronesse: Ione Arruda
gildafreitas@hotmail.com



Como explicar...

Eu ria bastante de teu esforço...
perseguido um prazer íntimo que nascia frio do teu olhar
perguntando para alguém que não existia
porque não havia traços da tua vida em mim
não te direi porque este é o meu segredo
um segredo feito apenas de instantes
instantes que fugiram trêmulos das minhas mãos.
Entre nós... o espaço apenas de um mar tombado
o inverno passou... a chuva cessou numa vibração intensa
suspirando em sobressalto de pecado
o temor move-se em nossos corpos em chagas
é impessoal e fragmentária qualquer palavra
é ameaçadora, calma e sussurrante
como se viesse do mundo das feras
ou em forma de cruz procurando refúgio.
Dentro dela tremeluzem silêncios
sufocados numa grande fonte de ecos...
Por mais trágico que seja
eu gostaria de conhecer... experimentar...
antes que caiam as sombras
para fugir desse fluxo de invisíveis respostas...
Forço-me a pescar palavras como se fossem frutos maduros.
Brinca com os dois lados da vida
despida num mármore frio
entre mim e eu... minha face contorcida
assustada... sem nenhuma definição.
Ouço agora o canto do tempo...
e sigo a sua voz... escapando num álgido acaso
minha aura em fios protegida das gotas da noite...
Desperta... apenas de leve... diante de mim
começo a me entender espiando meu folgo

hoje estremeço arfante... não ontem...
ontem tudo se tornou intolerável...
as coisas se coisificando angustiadas...
numa íntima libidinagem
amanhã não sei... talvez um cheiro de mar...
ou um tranquilo cansaço...
talvez aquela úmida flor seja eu
perto de mim...
numa extrema saudade.

.....

Cadeira nº 3 Socorro Cavalcanti

Patrona: Edna Monteiro
cavalcanti.s@hotmail.com



Quantas surpresas ()*

Não sei, exatamente, por que desisti da viagem a Viena e passei a desejar uma pequena estadia num Hotel Fazenda do Nordeste Brasileiro. Para tanto, fui à rodoviária e vi lindas fotos de Taita, um Sítio muito bonito e extenso, com um hotel encravado na serra, sombreada de árvores seculares, cercada de rios, fontes, cachoeiras e uma bela sinfonia dos pássaros, meio a flora e a fauna.

Movida pela beleza e a forma como o Carlos, jovem empresário, descrevia a localidade, enaltecendo o encanto dos recursos naturais, não pestanejei, assinei o contrato, paguei o valor acordado e, em cinco dias estava, alegremente, viajando para Taita.

Exatamente às 9h o micro-ônibus chegava a minha casa e Carlos me apresentava aos demais colegas de viagem, dizendo em seguida:

— Já estamos todos a postos, portanto, vamos rezar o Pai-Nosso para que Ele nos proteja, possamos ir a Taita e vivenciarmos a felicidade que ela pode nos oferecer!

A viagem foi realizada num clima de alegria, o canto e a poesia, interpretados ao som do violão, dedilhado pelo Gomes, agradou a todos, nos levando, inclusive, a pensar que o tempo fora encurtado.

Contudo, às 19h Carlos anunciou: — Estamos em terra taitanense, vejam e sintam as mudanças, a paisagem é outra, belíssima, o clima é frio, as

estrelas brilham fortemente, o céu parece mais perto da gente, nos conduzindo ao encontro do que necessitamos: da paz, da tranquilidade, da riqueza da natureza, da convivência fraternal e das bênçãos de DEUS!

O grupo, num gesto uníssono, respondeu ao Carlos com aplausos. E assim, nos aproximávamos do hotel, mirando, a cada instante, uma rica e diversificada paisagem que, de tão bela, aos nossos olhos, parecia um sonho.

Ao chegarmos fomos recebidos por um grupo de jovens que, vestidos a caráter, tocavam, dançavam e cantavam músicas tradicionais.

No dia seguinte, acordamos com o gorjeio dos pássaros e após o café, desfrutando da tranquilidade e do ar puro daquele ambiente, nos dirigimos para a caminhada pelas trilhas da fascinante mata verde, nos deparando com a beleza das cachoeiras e das piscinas naturais...

À noite, no pátio do hotel, iluminado pelo clarão da fogueira e seu intenso calor, estávamos aquecidos, participando do festival de poesias e da serenata, à luz do luar, que nos envolvia, enlaçando nossas almas numa desmedida felicidade que parecíamos estar no centro do céu!

Nos dias subsequentes, vivemos momentos inesquecíveis com a linda paisagem que o Mirante do Sul nos proporcionou, marcada pelo pôr do sol. Passeamos de charrete, apreciando a beleza

dos rios, das árvores, dos animais, das pétalas das flores, do canto das aves e, por último, da Gruta Misteriosa que ostenta no seu interior, um encantador lago azul, onde os amantes unidos, de mãos dadas e corações afeitos, juraram amor eterno.

Ao sairmos dessa caverna, Luiza com sua voz suave e meiga, disse para Carlos:

— É tão cedo e se o Mirante do Sul fica aqui pertinho, leve-nos para vermos novamente o pôr do sol!

Quando nos aproximávamos do Mirante, a chuva bateu forte, e ali nos abrigamos em meio a outras pessoas, que, lamentavam o ocorrido dizendo:

— Não entendo esse “toró”, como pode se o tempo estava bom e o serviço de meteorologia não indicava chuva?

— Pelo visto vamos ficar aqui até a noite, sofrendo este frio horripilante, resmungou Lara!

Em poucos segundos, inesperadamente, a chuva parou e o céu nos proporcionou um emocionante espetáculo, tornando o momento indelével, com o surgimento do arco-íris!

Ao dizer que nunca tinha visto algo de tamanha beleza, Luiza informou:

— O arco-íris é um sinal da bondade, do amor e da misericórdia de Deus e diz respeito a aliança.

— Aliança? — indagamos em coro, Tony, eu e Edu.

— Sim aliança, confirmou Luiza acrescentando: dizem que quando o arco-íris surge, Deus está disposto a fazer aliança com o ser humano.

Foi aí que a emoção me invadiu e fui atraída por algo, a princípio, não identificado, mas ao ver que era um ser maior, de joelhos, recebi Dele a caneta e firmei minha assinatura para o estabelecimento da Divina Aliança para congregar jovens com vistas ao exercício da ação comunitária.

Nesse instante, chorando, senti o toque de uma mão na minha cabeça e ouvi com clareza:

— Não chore, olhe para mim!

— Oi minha irmã, eu estava sonhando e chorando, mas era de emoção, pois estava fazendo uma aliança com Deus, para o bem-estar da Humanidade!

() Este texto foi contemplado com a medalha de ouro no Concurso de Prosa e Verso promovido pela Academia de Trovas do Rio de Janeiro.*

• • • • •



A busca

Eu necessitava DELE,
procurei-O por toda parte,
aos gritos implorei soluçando,
nenhum sinal DELE vislumbrei!

Cansada e atormentada,
na escuridão, quis desistir...
Meu coração bateu forte,
desesperada dei outro passo,
fui em busca do mar.

Ao mirá-lo, senti-me pequena demais...
Olhei para dentro de mim
e no meu coração ELE estava,
ali, exclusivamente, voltado para mim,
esperando-me para seguirmos rumo ao infinito!

.....





Cadeira nº 4 Arleni Portelada

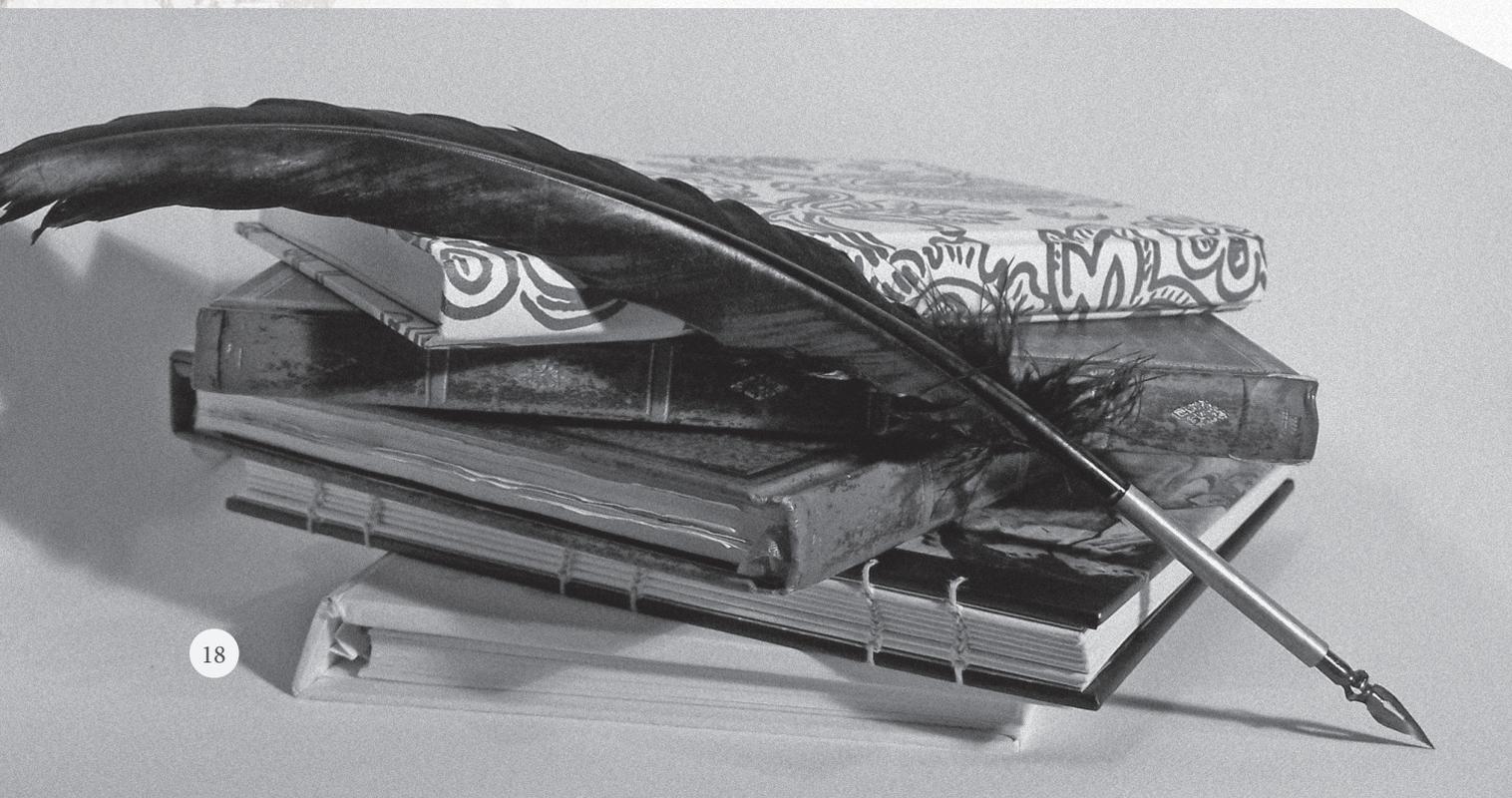
Patronesse: a própria
arleniportelada@gmail.com



Conquistas da AFELCE

Em junho do ano de 2017, uma entidade literária fez o seu "Debut" como grupo organizado de mulheres escritoras, legalmente constituído: Academia Feminina de Letras do Ceará. Em quinze anos de existência e contrariando a simbologia das "Bodas de Cristal", a entidade considera ter atingido o degrau da resistência, provavelmente, o passo mais significativo de uma associação quando se define e se mostra por inteiro em suas propostas, projetos, concursos, produções coletivas (Antologias, Revistas e Jornais) e publicações individuais de suas afiliadas, obsequiadas pelo selo agregador da AFELCE.

No campo da Literatura Brasileira, com seu viés, cada vez mais distanciado de uma política cultural, incentivadora de autores e formadora de novos leitores, a alegria de nós, Acadêmicas, precisa de um tempero especial, chamado persistência, que na prática é a esperança de encontrar um mercado editorial receptivo às suas propostas pedagógicas culturais para ações efetivas em escolas públicas, estaduais e municipais e mais reconhecimento ao talento da Mulher Escritora, tanto contemporâneo como póstumo.



Os exemplos de vida das pioneiras, Henriqueta, Júlia e Nenzinha Galeno, construindo os caminhos do crescimento intelectual, político e social da mulher cearense são heranças sem as quais nosso HOJE, não seria tão pleno em motivos para comemorar. Adentrar, por exemplo, à Sala dos Espelhos, não contemplamos apenas nossa vaidade dentro de uma moldura dourada. A mensagem que essas mulheres, marcantes, nos passam, através do nosso olhar, é muito claro, vibrante e indiscutível. Façamos, pois, a glória do presente.

.....

Minha poesia viver

Minhas virtudes falarão mais alto
que meus defeitos
quando o grande mistério,
implacavelmente, se fizer lei em mim.

Na resistência da cármica loucura
um parente distante, diagnosticado, poeta
brincará com meus anêmicos poemas
soltos por ele mesmo nos satélites e nets
comandantes quase absolutos do mundo.

E viveremos a simbiose dos sonhadores
rezando poesia em telas e partituras.
Cultuaremos o respeito à vida
praticando o Amor, a Justiça e a Paz
trilogia que rege os poetas
de todos os séculos
e por todos os séculos. Epístola.

.....



Arleni Portelada

*A poesia**

Onde começa
e termina a poesia
ninguém sabe.
Ela está na esperança
do primeiro raio de sol
e na passionalidade da turva
madrugada,
no sorriso falhado dos dentes de leite
e nos lábios enrugados do ancião.

A Poesia
está na lágrima de dor
de saudade e de alegria
nas flores que desabrocham hoje
e nas “rosas do nunca mais”.

A Poesia
está no primeiro choro
do esperado filho
e no derradeiro beijo
da pessoa amada.

A Poesia
é feita de sons, cores,
gestos e silêncio
de declarações cantadas
e confissões caladas
na renúncia
dos grandes amores.

A Poesia
está nas mãos
de quem segura uma bandeira
defendendo um ideal
e de quem colhe o trigo
para fazer o pão.

A Poesia
está na pena dourada
da realeza literária
e na enxada tosca
do sertanejo.

O poder da poesia
faz pequeno
o ato de XIAN
que reproduzia
seus soldados em estatuetas de pedra
para poupar-lhes a vida.

A Poesia,
para gerar o amor,
transforma
as pedras em pessoas.

** Poema premiado em concurso pela Associação
das Jornalistas Escritoras do Brasil (2007)*

.....



Cadeira nº 6 Clara Lêda de Andrade Ferreira

Patronesse: a própria
claraleda@gmail.com



Vovô Eliezer

A figura do avô é de uma importância, incalculável, no seio familiar. É sinônimo de carinho, cuidado, respeito, companheirismo, porque em seu coração só há cumplicidade e amor.

O principal jogo do vovô Eliezer era o da conquista, por isto, deixou sua marca registrada na convivência de anos, interligada por uma amizade gostosa com os netos. Os recebia, festivamente, presenteando-os com chocolates. Nos fins de semana mantinha os bolsos abastecidos e saía pela casa e jardim, premiando a um e a outro. Se algum deles reclamasse fome, imediatamente, ia

até a cozinha e, com o maior prazer, machucava bananas, bem maduras, em um prato raso e cobria com uma generosa camada de “misturinha”, uma composição de massas: Farinha Láctea, Leite Ninho e Nescau, preparado com antecedência para evitar que faltasse.

Durante os últimos vinte anos de sua existência a família se reuniu, em seu apartamento, nas noites de sexta-feira. Eram noitadas regadas a whisky, cerveja, vinho, comida e alegria. Para que a geração dos netos se fizesse presente, ele motivava, lançando novidades. Promovia bingo, con-



sórcio, rifa, e fazia a chamada dos netos para entregar, a cada, uma nota de R\$5,00.

Os anos passavam e, inacreditavelmente, seu corpo foi se fragilizando, o copo com a dose de whisky, aos poucos, ia perdendo a euforia.

Partiu aos 94 anos e com toda a lucidez, coincidentemente, numa noite de sexta-feira, onde estivemos reunidos, na sala de espera da UTI. Os que o visitaram trouxeram notícias animadoras, disseram que ele estava esperto, falador e curioso, querendo saber do encontro. Reclamou por não ter recebido alta. Sentia-se muito bem e sabia que o doutor ia liberá-lo no dia seguinte, muito cedo.

Deixamos o São Matheus por volta das 22h. Às 23h, já em casa, o telefone tocou. Os filhos estavam sendo convocados para uma reunião emergencial. O quadro de saúde de nosso paciente agravara-se. Septicemia. Em consenso, não autorizaram os procedimentos.

O velório transcorreu com saudade e conforto, afinal, não foi prolongado seu sofrimento, porém, uma cena rara, daquelas que comove e permanece intacta, pela vida inteira de quem presença, ocorreu às 11:30h, quando o neto Ivo, em residência médica na cidade de São Paulo, adentrou ao Ternura. Avançou a passos lentos, trôpego, roupa amassada, descalço, um trapo humano. No semblante, unicamente, dor. Postou-se em frente ao corpo do avô, curvou-se e beijou-lhe os pés.

.....

Paixão de mãe

No meu jardim
É sempre primavera
Existem flores de todas as cores
Que atraem beija-flores
Que ficam a valsar
Na brisa vinda do mar.

Cada roseira é um vaso
Que enfeita e perfuma
Naquele silêncio orquestrado
Pelo som dos beijos
Dos pássaros nas flores
Sem parar de bailar.

Entre o jardim, as dunas e o mar
Cresceram brincando
Três lindas crianças.

Hoje adultas, vidas definidas
Cada uma, jeito próprio
Na maneira de ser.

Aonde quer que estejam
As reconheço entre multidões.
São meus prediletos cravos,
Minha rosa, minhas paixões
Brotados neste jardim
Que reguei com todo amor.

.....



Saudação à Neide Freire

Era noite alta quando o telefone tocou no final daquela terça-feira.

Atendi.

Do outro lado, a voz inconfundível de Matusahila Santiago, comunicou, que, na próxima reunião da Ala Feminina, Neide Freire seria homenageada.

— Você faz a saudação? Perguntou-me.

Aceitei sem questionar.

Fui dormir desejando ouvir, unicamente, a voz do meu coração e com ele trocar ideias, para que, na manhã seguinte, pudesse sentar e escrever palavras ditadas pela força dos sentimentos, somente assim, teria a certeza de que, no comando da pena, o que viria a falar de, e para Neide Freire, seria o extrato de sua essência como mulher, mãe, professora, amiga, intelectual das palavras faladas e escritas que tanto encantam a quem tem o privilégio da oportunidade de escutá-la.

Neide Freire usa palavras densas, nem precisa o recurso da varinha de condão para enfeitar seus ouvintes ou transformar os momentos de uma simples visita em horas de pura magia.

Alain de Botton, escritor e filósofo disse que: “Boas conversas são como belas praças em cidades estrangeiras que se acha à noite e não se consegue encontrar o caminho de volta no outro dia”. Eu diria: Boas conversas são como aconchegantes salas de visitas, varandas ou calçadas que a gente acostuma. O prazer vicia e a sede, a fome acabam nos fazendo voltar, frequentemente.

Assim me sinto, quando, sozinha, ou acompanhada de minha mãe, aportamos na varanda da casa de Neide Freire. Não apenas nos recebe, nos acolhe envaidecida e grata por nossa amizade e no mar de simplicidade que reveste sua pessoa, viajamos mundo afora, nos relatos resgatados de tempos longínquos, através de sua memória privilegiada. Dessa maneira a varanda se alarga e ganha geografias. Torna-se Cariri, Ibiapaba e chega à caatinga do sertão cearense, ambientes de muitos segredos e de fenômenos que ela guarda na sua saudade.

Nessa ambientação, Neide Freire metamorfoseia-se. Vira símbolo de resistência, é um juazeiro, uma semente quebra dormência que rasga o solo e brota lavouras, um corrupeirão vermelho que voa assoviando melodias.

Somos gratas a Lavras da Mangabeira por nos ofertar, de sua lavra, uma filha dotada de qualidades raras.

Ainda menina foi encaminhada, pela família, para o internato no Colégio Santa Tereza de Jesus, no Crato. Assim Neide o descreve no quarto volume do livro *Mulheres do Brasil*:

“Colégio do Crato, de um tempo de menina! Austero, moldado no estilo das velhas instituições francesas! Paredes ostentando dísticos filosóficos e profundos pensamentos místicos que me impressionavam por não entendê-los”.

Tornou-se professora e dirigiu escolas em Ibiapina, São Benedito, Ubajara e Curu-Paraipaba.

Casou-se com Francisco Rodrigues Freire, viúvo, pai de seis filhos, três homens e três mulheres. Com ele, Neide constituiu a sua família e teve onze filhos, sete homens e quatro mulheres.

Mudou-se para Fortaleza e aqui ingressou nos movimentos literários. Pertence a Associação de Jornalistas Escritores do Brasil(AJEB), a União Brasileira de Trovadores(UBT), a Academia de Letras dos Municípios do Ceará(ALMECE), representando a graciosa Ubajara, minha cidade, meu berço. É sócia titular da Ala Feminina da Casa de Juvenal Galeno, ocupando a Cadeira Nº 53, patronada por Maria Gonçalves da Rocha Leal, sua antiga professora no Santa Tereza do Crato, pontas de uma fita que numa rajada de vento se encontram e se laçam formando um laço definitivo. Presidiu a Ala Feminina por dois biênios consecutivos, de 1992 a 1996, período em que, através de suas mãos a Revista *Jangada* foi relançada ao mar. Partiu outra vez, movida pelo combustível de seu sopro para ir aportar nas mãos de leitores nas mais diferentes cidades das Regiões brasileiras.

No primeiro número, da segunda fase da *Jangada*, declarou em poesia:

“... Reanima-se a jangada
Afoita, solta a vela ao vento do ideal!

...

E faz-se ao mar, volta a navegar.
Outros são os jangadeiros,
Outras as restingas, outros mares,
O mesmo sonho”!...

Clara Bêda de Andrade Ferreira

Nessa travessia, certamente, a jangada singrou o mar no Meireles cantando, agradecida, muitas canções para Neide.

Lançou dois livros: "Acendalhas" em 1987. Nele encontrei a mais bela definição da palavra poeta. "Poeta é o homem que põe uma moldura nos velhos quadros da vida e lustra com brilho de fantasia a mágoa dos sonhos irrealizados". Em 2008, "Poemas e Lembranças". De "Rota do Tempo" a parte final desta poesia:

"Na sala grande, vazia,
Que o tempo emudeceu,
A cadeira de embalo
Pra lá e pra cá
Minha saudade e eu".

Deste mesmo livro, "Eu olho a vida":

"Eu olho a vida
Como vejo o mar,
Erguido, uivando em vagalhões medonhos
Depois, rendado em fina espuma branca
Calmo, vencido, a beijar o chão!

Eu olho a vida
Como vejo a serra,
O dorso abrupto apontando aos céus
À luz brilhante de azul vestida
Envolta em sombras ao findar do dia

Eu olho a serra
Como vejo o mar
Eu olho o mar como vejo a vida"!

Suas criações literárias vão além. Podemos encontrá-las em Antologias, Coletâneas, Jornais, Periódicos e Revistas. E uma coisa é certa, o sentimento que tem dentro de si transborda e contagia.

Dona Neide, diletta amiga, hoje, encerro esta homenagem, não mais com a poesia, de minha autoria, "Muralha de Aço", onde descrevi as belezas das paisagens da nossa Serra Grande, na tarde daquele sábado, 11 de julho de 2011, mas repetindo a palavra que simboliza meu estado de espírito:

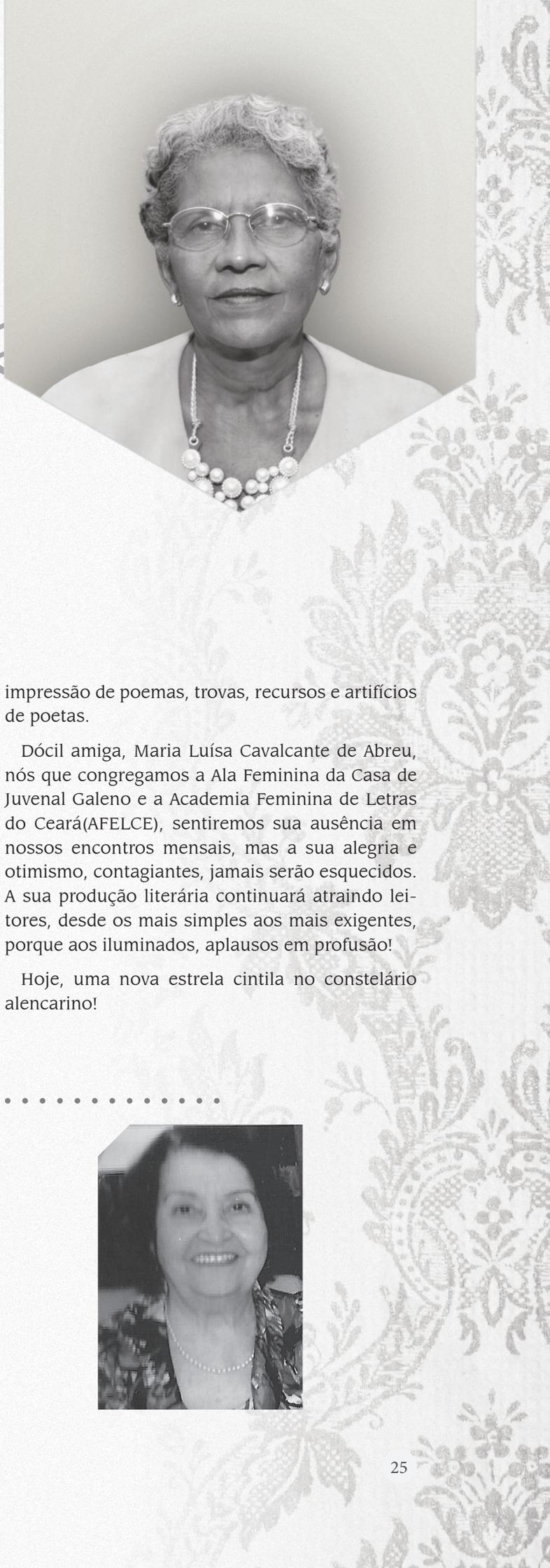
Saudade! Saudade! Saudade!

.....



Cadeira nº 10 Francinete de Azevedo Ferreira

Patronesse: a própria
francineteazevedo@hotmail.com



Um nome – Uma saudade

Assim se define nossa saudade: “Modesto é meu estilo de vida. Tornei-me uma pessoa determinada, batalhadora, religiosa, acima de tudo. Graças as orientações de familiares tornei-me uma professora. Não me considero escritora nem poetisa de renome, apenas admiradora da cultura, da educação, segmentos nos quais, encontro conhecimentos que me dão sabedoria.”

Eis o nome de nossa saudade: Maria Luísa Cavalcante de Abreu. Em julho próximo, passado, Jesus resolveu conduzi-la para a morada eterna. Conosco, as artífices das letras e das artes, ficaram as memoráveis lembranças de seus “suspiros poéticos”, da sua intensa e sincera amizade que ultrapassaram os limites do Templo Iluminado que é a Casa de Juvenal Galeno.

Maria Luísa Cavalcante de Abreu há muito celebra o dom da escrita literária, poética, concedido por Deus, sendo seu mais recente trabalho, o livro “O Universo e a Imaginação” – um canto de amor às benesses divinas e de agradecimento a quantos dela se acercaram em reconhecimento ao seu empenho na valorização da amizade.

Em “O Universo e a Imaginação (em Prosa e Verso)” vislumbramos a modéstia emoldurando a beleza de sua alma, e na singeleza dos textos a sua inspiração aflora, majestosa, na descrição de seu “eu” em relatos de acontecimentos marcantes em sua vida ou no transbordamento do lirismo na

impressão de poemas, trovas, recursos e artifícios de poetas.

Dócil amiga, Maria Luísa Cavalcante de Abreu, nós que congregamos a Ala Feminina da Casa de Juvenal Galeno e a Academia Feminina de Letras do Ceará (AFELCE), sentiremos sua ausência em nossos encontros mensais, mas a sua alegria e otimismo, contagiantes, jamais serão esquecidos. A sua produção literária continuará atraindo leitores, desde os mais simples aos mais exigentes, porque aos iluminados, aplausos em profusão!

Hoje, uma nova estrela cintila no constelário alencarinó!

.....



Relembraças

Entreguei-me à emoção
De um passeio com a saudade.
O cenário, angelical e belo,
Exibia a noite pontilhada de estrelas,
Revivi uma paixão intensa.

Abraços, carícias, beijos, sufocavam-me,
Florescentes eram as juras de amor.
Arroubos da juventude!
Na magnitude desse encantamento,
Sufoquei o pranto.

Brisas de outono descerram-me
As cortinas diáfanas das ilusões.
Despertei, enfim, de um lindo sonho!

.....



Sobre “Caleidoscópio”

Salomão Alves de Moura Brasil

Numa releitura de *Caleidoscópio* realçamos, aqui, o que observado no primeiro contato com a produção literária do professor, poeta, advogado, Salomão Alves de Moura Brasil, denominado e com muita justiça, o Papa da Educação no Maciço de Baturité.

Acalentado há algum tempo, concretiza-se, para gáudio do leitor, *“Caleidoscópio”*, o designativo da emoção florente no âmago de seu criador. A refulgência dessa obra trouxe-nos à lembrança o grande pensamento de Sêneca: “A realização é filha legítima do sonho”.

Imagens, luzes, cores, sons, harmoniosos, conferem a singeleza dos temas, matizados, feitos com esmero, dispostos em versos, ora decassílabos, ora alexandrinos, por vezes brancos, mas todos unguídos de sentimentos nobres que dignificam a personalidade de Salomão Alves de Moura Brasil.

Relembrações perfilam as páginas de *“Caleidoscópio”*, numa exaltação aos entes queridos, já “partintes”, contudo, preservados no relicário de saudades.

O amor é a nota predominante nesta Canção Poética definidora da obra. Ressalte-se a ternura envolvente em *“Teus Olhos”*, *“Tu e Eu”*, *“Visão Etérea”*, *“Um Beijinho Só”*, dentre outros sonetos apurados na forma e no estilo.

O autor também expressa sua aguçada sensibilidade ao se revelar um religioso convicto, descre-

vendo *“O Sorriso de Maria”*, revelando uma *“Prece Missionária”*, homenageando através de *“Urbi et Orbi”*, o Papa João Paulo II ou ainda descrevendo *“O Missionário”*.

A inspiração parece brotar-lhe da alma tal a velocidade da luz e as palavras impregnadas de sabedoria rotulam sua intelectualidade, refletem suas virtudes, denotam o seu civismo, o seu compromisso com a terra natal e sua gente.

“Caleidoscópio” traz canções de amor à pátria, exaltações a vultos históricos. O autor é também hinógrafo dos mais abalizados, isto ele nos demonstra na produção literária.

Registre-se aqui, o sentimentalismo fulgurante no autor ao poetizar invocações às musas, às deusas nas revelações de grandes amores.

Salomão Alves de Moura Brasil reúne o lírico, o épico, o sacro numa composição notável pela elegância e clareza do estilo, bem a gosto dos clássicos e dos românticos, graças a Deus, ainda existentes no universo literário.

“Caleidoscópio”, um mimo primoroso para os cultores da boa leitura.

O que foi dito acima, impressões grafadas na primeira leitura do livro, permanecem as mesmas, após uma nova leitura, mais atenta, demorada, comprometida apenas, com o deleite espiritual.

.....

A história do menino Zé Mitôca

Um Conto para Crianças

— Era uma vez...

A fada Pérola, foi imediatamente, interrompida pela menina Carolina Hadassa, que achou esquisito o nome “Mitôca”.

A fadinha sorriu e disse:

— Mitôca era a maneira carinhosa como o menino era chamado, por todos, em sua cidade. Vamos ouvir a história em silêncio, meninada.

Sentadas em círculo, as crianças obedeceram. E a fadinha continuou:

— Zé Mitôca era cearense. Nasceu no município de Ocara, numa Vila de nome São Marcos.

No dia de seu nascimento, o pessoal da Vila comemorava as festas juninas. Era véspera de São Pedro, dia 28 de junho, do ano de 1940. Seus pais, a Senhora Vicência Correia Dodó e o Senhor Francisco Correia Neto, deram-lhe o nome de Benedito Correia Irmão.

O menino crescia saudável, inteligente, atento a tudo que acontecia ao seu redor. Aprendeu as primeiras letras do alfabeto, graças a orientação de uma professora da cidade. E, de imediato, começou a ler e a escrever sozinho. Era um autodidata.

Benedito, ou melhor, o Zé Mitôca tornou-se conhecido em sua cidade por sua inteligência, e porque, desde cedo, demonstrou habilidade em dizer versos improvisados, isto é, criados por ele mesmo, e, dependendo do momento, seus poemas podiam ser alegres ou tristes. O juvenzinho era um poeta, repentista e dos melhores naquela redondeza.

Zé Mitôca, embora não tivesse frequentado a escola, regularmente, sempre dizia para seus colegas que, estudar para ser alguém na vida, era muito importante.

E o juvenzinho foi crescendo, tornou-se adulto. Era um homem de muitas profissões. Tinha habilidade para trabalhar no campo, cuidar do gado, não rejeitava serviços: restaurava móveis, consertava bicicletas, máquinas de costura, para tudo dava seu jeitinho. Tornou-se carpinteiro e motorista. O importante era ganhar seu sustento e de sua família com honestidade.

Zé Mitôca orgulhava-se em ser poeta, repentista, cordelista e até violeiro, ficando conhecido e admirado em sua cidade por esses dons que Jesus lhe presenteou ainda quando era um menino.

O poeta se casou, teve filhos e uma de suas meninas herdou o dom poético do pai. Hoje, ela é escritora, poetisa, trovadora e cordelista, além de ser professora em sua terra.

A Fada Pérola estava entusiasmada com o interesse das crianças na história e continuou:

— Zé Mitôca jamais será esquecido em sua terra. Ele soube espalhar alegria com seus poemas, suas cantorias e foi bastante aplaudido em suas apresentações artísticas. Aliás, nesse ofício, ele era um doutor.

Não rejeitava convites para se apresentar em quaisquer eventos, até que um dia, exatamente, 2 de dezembro de 1993, Jesus sentindo necessidade de um poeta ao seu lado, chamou o Zé Mitôca, e ele foi de imediato, esqueceu até a sua viola em casa, mas nem era necessário levá-la, porque, com o seu vozeirão, recitaria poemas para o Pai Eterno.

A criançada aplaudiu a fadinha, e ela, abraçando uma a uma, disse-lhes:

— Cada pessoa tem um talento, um dom que é presente de Deus, e o mais importante é saber usá-lo para práticas de boas ações.

.....



Cadeira nº 11

Argentina A. de Andrade

Patronesse: a própria
gutembergandrade@terra.com.br



Semente

Foi pela misericórdia de Deus
e sabedoria dos homens,
que fostes colocado
naquele regaço de amor.

Acolhido, aquecido, alimentado,
por vibrações de carinho,
enlevado por emoções
de plena felicidade.

Parece um sonho...
mas te tornaste realidade.
És como um sol,
que veio rasgar com tua luz
a sombra da tristeza e incerteza.

Hoje, rejubilados,
glorificamos ao Pai Eterno
por esta semente que germinou,
cresceu e se fortificou.

Hoje, é um grande
símbolo do nosso amor.

.....

Minha boneca

Para Mariana

Cortei fronteiras
venci barreiras
para te acalantar.

Nascestes linda,
como estrela a cintilar,
nas belezas do lugar.

Alva, loira,
de riso encantador.
Jabuticaba a brilhar
no reflexo do teu olhar.

Versátil, sempre a mostrar
que és capaz de nos dar,
a alegria de te amar.
Cresces, lutas, amas...

Vences barreiras...
Mas não te esqueces
que Deus está
em toda parte,
meigamente a te observar.

.....



Cadeira nº 13 Zinah de Oliveira Alexandrino

Patronesse: a própria
zinahalexandrino@gmail.com

Log'doso

Nessa pressa em que vivemos, a falta de tempo é desculpa para todos os contra-tempos. Todavia, os mais espertos, sempre encontram uma maneira criativa de burlar os obstáculos.

A exemplo disso, é só nos dirigirmos aos caixas de qualquer sistema financeiro: como bancos, Chegue e Pague etc, e nos deparamos com filas quilométricas; separando as pessoas pela faixa etária, a maioria está acima dos sessenta e cinco anos, ou seja, de longevos e depois que a lei lhes garantiu a prioridade de “furarem” as filas, não se vê mais um “velhinho” desfrutando “uma rede preguiçosa na varanda”, fazendo uma sexta ou postados à frente da televisão. Nunca se viu tantos longevos entrando e saindo das filas de pagamentos e haja reclamações daqueles que são obrigados a perderem horas, a fio, nas filas, em detrimento, dos casos especiais, por culpa dos donos de estabelecimentos comerciais e sistemas bancários que não dispõem de caixas suficientes para atender a demanda.

Sem contar com os oportunistas de ocasião que para ganharem tempo e tirar vantagem da situação caótica, levam às filas seus pais idosos, tios, avós... ou mesmo uma empregada doméstica grávida, ou ainda, em estado de lactação, com uma criança de colo. Por conta desse triste quadro, a decrepitude está sendo vista, por muitos, com maus olhos e sendo explorada, em vez de ser a beneficiada, em reconhecimento, pelo muito que

já contribuiu com o seu trabalho para o país; daí a terem o direito a um atendimento especial.

Enquanto isso, o resto da população se descabelava, frente à sua impotência por não ter a quem recorrer e fica lá, com cara de desgosto, para não falar de “babaca” a cada vez que pensa ter chegado a sua hora no atendimento e surge, do nada, à sua frente, mais um longevo. E quem não dispõe dessas pessoas em idade avançada só resta uma alternativa: alugar um longevo, é isso mesmo e muito não me admira se já não existir algum espartalhão acariciando a ideia para tirar proveito da situação, e já não esteja constituindo uma empresa de aluguel de idosos. Imagino, até, o slogan: “LOG'DOSO” e com uma vinheta na televisão. Se você está cansado de perder horas, nas filas para fazer seus pagamentos, não perca mais tempo! Pague todas as suas contas com tranquilidade e sem sair de casa! A LOG'DOSO LHE TIRA DAS FILAS!

Outro dia, levei minha cadelinha Kiki, ao veterinário, de volta para casa, passando em frente a uma farmácia, onde há uma dessas redes “Chegue e Pague”, resolvi estacionar para pagar a conta de energia. Quando entrei e olhei para o único caixa já me deu um desânimo, à minha frente estava dezenas de longevos. Fiquei lá, esperando que chegasse a minha hora e a cada momento que, em pensamento contava, dizia a mim: — agora só falta um... Ledo engano! Do nada surgia outro e mais

outro e, nessa cantilena, as horas iam passando, a fila aumentando e eu me distanciando cada vez mais de chegar na “boca do caixa”. E haja ouvir reclamações às minhas costas: — Essa fila, só anda para trás! E um senhor perguntou-me: – Faz muito tempo que a senhora está aqui? Respon-di-lhe: – À minha frente já passaram mais de dez longevos; fiquei ali, ouvindo suas queixas sem me dar conta que a minha hora de (quase) ser atendi-da havia chegado. Sabe o que aconteceu? — Sal-titando em cima do seu alvíssimo “bical”, surge uma linda longeva com cinco boletos de contas da COELCE na mão. O caixa parecia conhecê-la bem, pela forma como a saudou: — cuidando da forma Dona Judith? — É... enquanto não chega a ron-da do Governo, eu dou vinte voltas no quarteirão, todos os dias! Suada e animada ela conferiu, cui-dadosamente, o troco, enquanto dava cabeçadas, no ar, pelo “FUNK” da pesada que saia do fone de ouvido de seu “WAKMAN”. Aqueles consumidores de energia elétrica quitaram seus débitos numa única operação rápida e eficiente comandada pela disposta Judith. Estava tudo devidamente compro-vado, no bolso de seu macacão florido, capaz de competir até na corrida de São Silvestre. Quanto a mim, era o avesso da situação: minha relação com a Companhia Energética se resumia a um aviso de corte no limite das 48 horas e os meus pés pediam compressas de água morna com sal, doía-me à cabeça, uma sensação de sufoco, raciocínio fra-co, incapaz de bolar um jeitinho “verde amarelo”

para sair da fila; se paquerasse o rapaz do caixa podia parecer uma coroa assanhada; se atropelasse um velhinho, uma desalmada. Só me restou torcer, pedir a Deus que o desmaio anunciado não me levasse à lona, apesar de todos os sintomas da implacável PVC (Praga da Velhice Chegando). As transições são sempre complicadas; você não é uma coisa, nem outra; vive num tempo angustian-te que parece eterno, a autoestima volta e meia vai para debaixo do pé, como naqueles 45 minu-tos, na fila de uma farmácia, para quitar um úni-co débito. Eu me sentia a personificação de uma sucata da jovem guarda naufragando num “Sub-marino Amarelo”. Estava ali, absorta em meus de-vaneios, quando uma pessoa, às minhas costas, falou: — Se acheque mais perto do caixa porque já está entrando outro idoso. Se não, a senhora perderá a sua vez. E falei brincando... Se algum velhinho tomar minha frente, novamente, pego a Kiki e jogo em cima dele. E não é que deu certo! Quando o velhinho veio se aproximando eu pe-guei a kiki coloquei-a toda para o lado que ele vinha se postando e o velhinho recuou.

Agora, fica aqui, mais uma sugestão: ALUGA-SE CÃES PARA ASSUSTAR VELHINHOS EM FILA DE BANCO!

.....



PVC

Ninguém escapa desse inimigo antagônico, do ciclo da vida, que permeia nossas horas (o tempo).

Mal você acaba de nascer, começa a envelhecer. Não estaciona, a não ser com a morte e quando se morre jovem, o que não é vantagem para ninguém; nem para os que se vão e nem para os que ficam.

Crescei e multiplicai-vos! Essa foi a ordem que nos foi passada pelo Doador de nossas vidas. Mas o homem, esse curioso nato, não se deu por satisfeito, teve que vasculhar os registros do céu para ver se havia mais alguma coisa para herdar e mal sabia ele que, à sua sombra, rondava um inimigo voraz querendo apoderar-se da sua imortalidade (sua maior herança).

Como aconteceu isso? Todo mundo sabe: Lúcifer, o anjo caído, personificou-se em serpente e ofereceu o fruto do conhecimento do bem e do mal para Eva que, por sua vez, ofereceu-o a Adão. Eles comeram, descobriram que estavam nus e foram expulsos do paraíso.

A partir daí, o homem começou a ficar escravo do tempo, perdeu sua imortalidade e partiu para a incessante busca pelo elixir da fonte da juventude. A medicina e a cosmética caminham de mãos dadas nessa busca. A cada dia inventam um novo paliativo: é o Botox, o Metacril, o DEMAÉ etc. É uma corrida maluca contra o tempo, a começar pelas academias de ginásticas. O homem tenta de tudo que há, ao seu alcance, para driblar seu maior inimigo, sem contar com uma gama de vitaminas que a indústria farmacêutica despeja no mercado.

A disputa pelo novo é a grande coqueluche, e a maior preocupação do gênero masculino é com o desempenho sexual. E haja Viagra, Cialis, Livitra e suas conseqüências, mas eles não se preocupam com efeitos colaterais porque a grande tônica é retardar a velhice em todas as suas formas. Começa pelo guarda-roupa. Há pessoas inconformadas que vivem “em busca do tempo perdido”, e chegam a se expor ao cúmulo do ridículo. Vemos senhores que se vestem a maneira de um garoto de dezoito anos e mulheres, sessentonas, que apelam mais ainda, expondo a barriga à moda das adolescentes.

Parecer velho, somente em fila de banco e, muitos para não chamarem a atenção, para sua verda-

deira idade, dispensam essa prerrogativa se postando na fila comum a todos. Sabemos de pessoas idosas que têm vergonha de dizer que têm calos, azia e dores na coluna. Tudo isso porque se prega, por aí, que esses sintomas são queixas de velhos. Outros não querem admitir que estão cansados quando lhes oferecem uma cadeira ou ajuda para subirem a um degrau qualquer. Dispensam, dando uma de forte.

Parafraseando o apóstolo Paulo, em um verso de uma de suas epístolas, quando se referiu às tentações da carne: “O espírito está pronto, mas a carne é fraca...” Para aqueles que não querem assumir suas limitações; porém, eu digo: o espírito está pronto, mas o corpo é que não resiste.

Um dia desses, me queixava para um sobrinho do preço de um remédio que o médico me receitara para as dores lombares, ele o segurou e perguntou: — isto é PVC? Surpresa com a estranha pergunta, imaginei: PVC é uma marca de cano! Não cabia ao assunto que falávamos. Ele, rindo, ironicamente, respondeu: — é a Praga da Velhice Chegando, tia!!!

.....

Tribal

Nesta luta moral
Com linguagem cifrada,
Defendo meu pão salutar;
Não deixo que me tirem
O lugar que galguei
Nas muralhas do tempo
Para do mal me livrar.

Quando fugi do meu ócio
Nas minhas andanças de nômade
Garimpei entre os cascalhos do mundo
As raízes do bem imutável.

Caminho agora ao encontro
Dos filhos de Israel;
Cansei-me das confusões de Babel.
Aportarei no último milênio
Em uma das doze portas das tribos;
Descerei com a Santa Cidade
Cantando o Hino da vitória;

Comerei do fruto da árvore da vida,
Dormirei no repouso do Mestre
E habitarei, eternamente, nos céus.

.....

Enigma

Meu silêncio sentencia
Os meus segredos.
Absorta em teus mistérios
Derramo lágrimas de pudor
Enquanto destilo o ritmo
Das horas à tua espera...
Eu sou aquela que figura
Em teus desejos,
Que segura a tua pressa,
Que deixa sempre
Teu corpo em desalinho.
Essa tua pausa espalha rumores
Em meus anseios.
Enquanto em ti
Escondem-se confidências,
Em mim desabrocham volúpias.
Há uma passagem
Em meus labirintos
Para desbravares na
Embriaguez das descobertas.
E um banquete preparado
Para ti, das minhas ambrosias.
Será quando te revelarás...
Pois tu és meu enigma,
Sou tua esfinge...
"Decifra-me, ou te devoro"!

.....



Cadeira nº 14

Ana Maria Nascimento

Patronesse: Antoinette Alves Moura
ananascimento2001@yahoo.com.br

Escalada de um enigma

A idade avançada sempre acompanha indícios problemáticos e, as pessoas, nessa fase, necessitam de ambientes saudáveis e acolhedores para escalarem, dignamente, seus percalços.

Apesar de termos preciso discernimento de que “a família, a sociedade e o Estado têm o dever de assegurar ao idoso todos os direitos da cidadania, garantindo sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade, bem-estar e o direito à vida”; no Brasil, o desrespeito e a falta de consideração dos mais jovens e até dos familiares, ainda, é exorbitante. Por essa razão, cresce, assustadoramente, o número de decrepitos abandonados em asilos ou vivendo sozinhos.

D. Margarida, uma sexagenária de comportamento divergente, cor clara, postura esbelta, cabelos longos e presos por anoso pente, fazia parte desse mísero quadro. Os mais antigos diziam, que, as atitudes eram sequelas de uma enfermidade sofrida na juventude.

Costumava valorizar a pele branca, menosprezando os crioulos inseridos em sua esfera social, porém o sol já lhe havia queimado as partes expostas e alguns zombeteiros a denominavam morena. Diante da buliçosa alcunha, levantava a saia do mero traje de chita e exibia minúscula amostra de coxa, empreendendo provar tamanha alvura, até aquela época, existente. Tal conduta lhe bloqueava a integração ativa no grupo circunvizinho.

Sua casa, ainda, que, mantida impecável, dispunha escassa mobília, resumindo-se a um pilão, uma rede, um tamborete e um baú de couro ornado com pregos dourados, no qual guardava um tesouro de incalculável valor sentimental.

Alguns glosavam suas aventuras passadas, todavia, não existia comprovação visível dos romances proibidos. O fato induzia Daniele, uma jovem residente, próximo ao seu domicílio, a levitar nas mais diversas fantasias.

Movida pela bisbilhoteira, a adolescente tornou-se assídua visitante da velhinha; precisava angariar dados sobre aquela matrona, considerada, por ela, enigmática. Mas como iria conseguir, se a senil dona mantinha a chave daquela peça unida à corrente que lhe ornava o colo?

A singela mulher, desconhecendo as intenções da púbere, tratava-a, afetuosamente. Esta, contudo, não saciava seu desejo irreprímível tocante aos mistérios existentes naquele antigo móvel.

Decorridos alguns anos, a pobre senhora foi perdendo a capacidade física e, diariamente, a garotinha, indiscreta, abastecia-lhe o reservatório d'água, na esperança de vê-la descuidada e erguer a tampa que ocultava momentos torpes.

Após longa expectativa, o grande dia surgiu. Um inesperado acidente retirou a proprietária do espaço pretendido. A menina carecia apenas de esperteza para apossar-se da diminuta ferramen-

Essência da vida

ta. Queria ser a primeira a ver as cartas e fotos, comprometedoras. Assim, ajudada por uma colega, venceu o medo, adentrou no recinto proibido e abriu, de forma sutil, a usadíssima mala.

Meu Deus! Quanta decepção! O erário guardado, cuidadosamente, se resumia num vestido de seda "mirinó" desbotado pelos anos, um colorido leque, uma humilde "pucarina" e duas fotografias de seus tios mortos no conflito ocorrido entre o Paraguai e os países da então formada Tríplice Aliança (Argentina, Uruguai e Brasil).

Mesmo ausente do lar, a enferma tomou conhecimento da aventura praticada pela travessa amiga e uma inevitável desilusão apossou-se do elo existente no seio daquela amizade, considerada inofensiva pela anciã, que jamais esperou ser atingida com os sórdidos golpes da traição.

Embora essa ocorrência tenha causado imensurável desapontamento, elucidou a quem deseja, veementemente, sorver a essência da privacidade alheia.

Movida pelos laços de atitude,
também os mais afáveis dos encantos,
foi fácil percorrer caminhos tantos,
em minha prazerosa juventude.

E, envolta em deslumbrante completude,
no patamar ileso dos quebrantos
pude sentir nos mágicos recantos
a compleição da esplêndida amplitude.

O breve acesso fez-me conhecer
a verdadeira essência procurada
distante da visão do mal querer

Dessa maneira, bem determinada,
feliz notei o gosto de viver
a bem aventurança tão sonhada.

.....

.....



Eterna lembrança

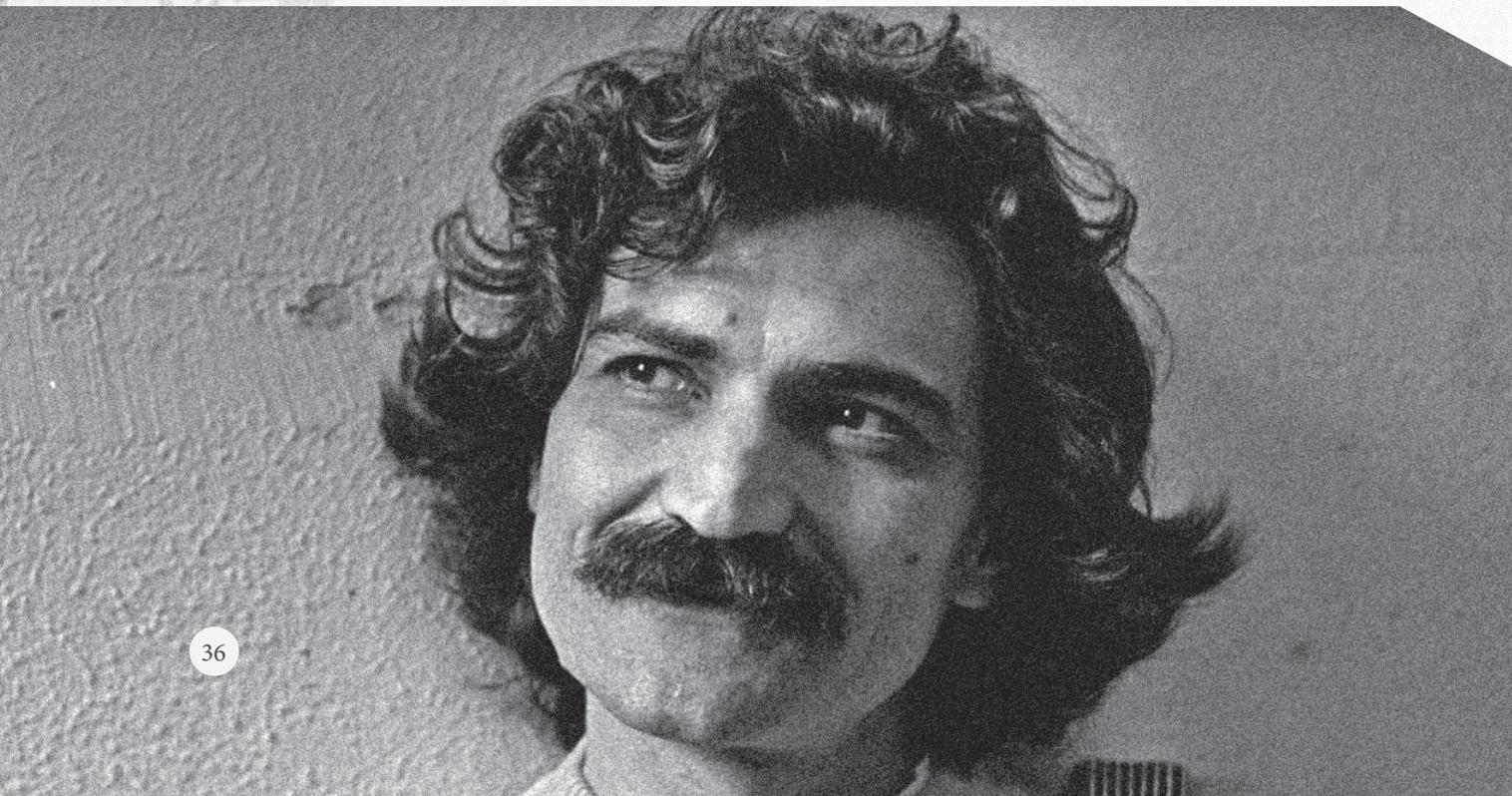
Por seu vasto talento musical
no palmilhar da grata trajetória,
Belchior, da cidade de Sobral,
tornou reconhecida a sua história.

Porém jamais deixou de ser leal
aos que lhe conduziram à vitória,
pois sempre expôs de modo especial
que não chegou sozinho à justa glória.

E vale relatar comprometida
que, de veras, deixou grande saudade,
no dia em que partiu para outra vida.

Contudo, manteremos de verdade
sua lembrança única e devida
no primoroso cerne da amizade.

.....



Cadeira nº 16 Núbia Brihante

Patronesse: Alaíde Souza Lima
brilhantenubia@hotmail.com



São outros tempo

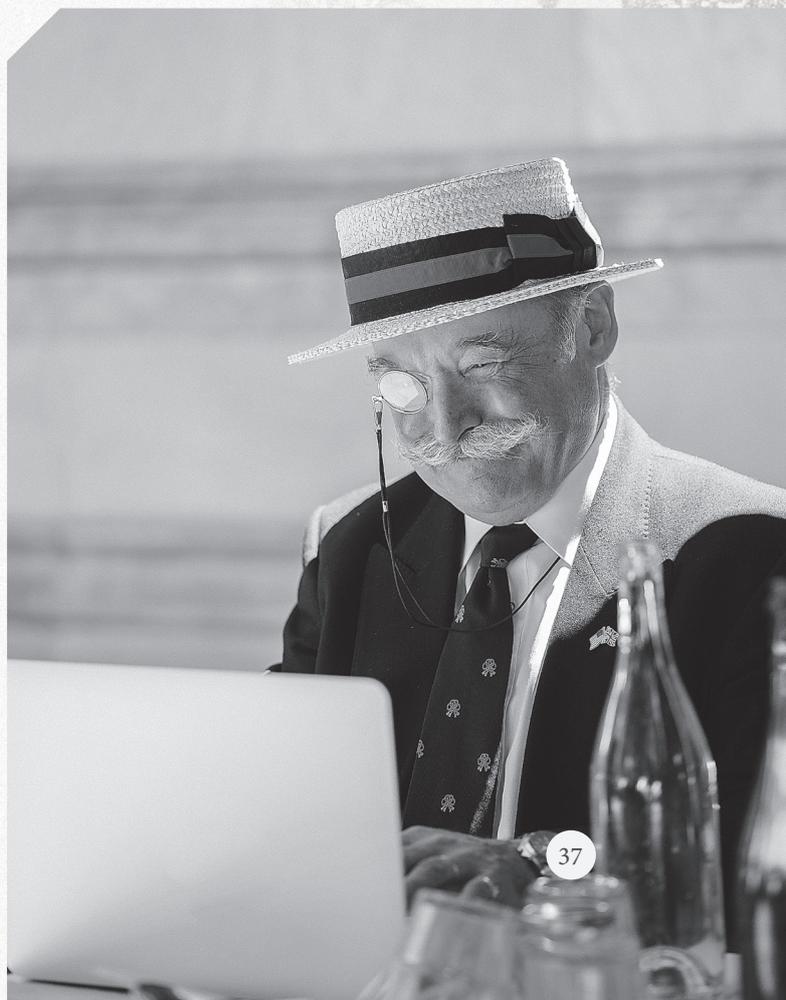
Na sociedade do século XXI está inserida uma parcela, significativa, de pessoas saudáveis e dinâmicas. São adultos de todas as idades, inclusive aposentados, que não mais se acomodam, em suas casas, vivendo sentados em cadeiras de balanço ou deitados em redes. Atualmente, trocam o comodismo por exercícios físicos e caminhadas nos parques e nas praças; pedalam em bicicletas pelas avenidas; malham nas academias, fazem hidroginástica, dança; juntam-se em grupos para aulas de pintura, bordado, crochê, em viagens pelo Brasil e pelo mundo.

Os sonhos estão presentes pela vida inteira. Não mais importa a idade avançada. O encantamento pela natureza os leva a subir serras e nelas andar por trilhas, a apreciar o mar, o pôr do sol, a lua. A inspiração desliza, chega ao coração e tornam-se escritores, poetas, trovadores. Qualquer beleza os enche de sentimentos e emoções.

É a vida que os sorri, acolhendo-os de uma nova maneira e eles a agradecer com ares de felicidade.

As vezes fico a pensar no que diria José de Alencar, se um dia pudesse retornar ao Ceará. Estranharia, certamente, tanta evolução, até a caneta, único recurso, que tanto usou, está quase em desuso. Hoje as pessoas dominam a internet, o whatsapp, pesquisam e escrevem em laptop, ta-

blete, celular, entre outros. É a era da tecnologia que nos leva, em tempo real, a acompanhar as notícias do mundo.





Cadeira nº 17

Rita Guedes

Patronesse: Alba Valdez
rguedes22@hotmail.com

Ao longo dos anos

Um olhar, distante, percorria a imensidão do céu numa melancolia peculiar de quem sentia a alma taciturna e sufocada pelo pranto, cheia de indagações.

Era final de tarde, o sol brilhava acanhado, parecia compactuar com o estado d'alma de Elvira, que de olhos semicerrados, perdidos na amplidão do firmamento, como o sol, definhava como se fosse fenecer seguindo os passos lentos das nuvens. Ao seu redor a noite ia adensando e logo, logo, escureceu!

Durante muito tempo ela permaneceu ali sentada. O céu pontilhado de estrelas bordava o véu noturno, iluminando caminhos, que, a escuridão insistia em ocultar.

Dona Elvira, em sua solidão, deixava brotar lágrimas de saudades que deslizavam, indiscretamente, pelo seu rosto cansado, indo acumular-se nas profundas marcas, enrugadas, deixadas pelo tempo.

Hoje, a realidade é bem diferente e na sombra da noite ela segue o resto de vida que lhe permeia, despetalando flores de primavera em forma de extrema saudade.

Recordando os longos anos de convivência, cumplicidade e amor, Elvira percorre o arquivo do ego que a conduz às cenas imensuráveis de quando a vida lhe sorria, desde a tenra idade.

Via-se correndo sobre a relva verdejante que se descortinava aos seus olhos, num belo campo florido, bem cuidado, ao lado de seu amigo e companheiro Alberto.

A diferença de idade entre Elvira e Alberto era somente de três anos. Cresceram juntos respirando o ar puro daquela região serrana e pródiga.

Tudo começou quando Alberto adentrou no terreiro da casa de Elvira que os separava, apenas, pela delimitação marcada pela extensa cerca.

Naquele dia Alberto saíra em busca de um boi fujão que costumava dar trabalho, tendo em vista, que, por diversas vezes, já havia se desgarrado da boiada e dava um trabalhão para ser reencontrado.

Elvira encontrava-se na varanda que cercava seu casarão, quando percebeu a presença de Alberto. Seus olhos se cruzaram num relance e, ambos, sentiram naquele olhar, um quê de mistério, uma química que só o passar do tempo poderia desvendar.

Cumprimentou Elvira e, em seguida, pediu permissão ao seu pai para verificar se o boi fujão havia entrado em suas terras. O vaqueiro José, que o acompanhava, percorreu a vasta terra de Seu Valdemar e de repente avistou o belo boi forçando a cerca com o chifre para entrar no curral. Certamente, estava de olho numa bela vaca holandesa que do outro lado da cerca o ajudava a forçar o arame farpado. Uma cena interessante de se ver!

O vaqueiro, habilmente, o laçou, levando-o de volta para o seu dono. Enquanto isso, no terreiro, Elvira e Alberto conversavam, animadamente. Foi o início de uma grande e profunda amizade.

O vento soprava forte. O farfalhar das folhas soltas ao relento parecia acordes sonoros em ritmo acelerado numa cadência, que, só os sons da natureza são capazes de produzir. Sentada na cadeira de balanço, Elvira em devaneios, numa retrospectiva adentrava, cada vez mais, em suas reminiscências. A intensidade de seus pensamentos e concentração era tão forte que ela sentia uma sensação de felicidade como se estivesse vivenciando aquela lembrança, naquele exato momento. Às vezes sorria feliz, outras vezes se entregava a tristeza. Quem a visse assim, certamente, iria concluir, que, em razão da sua idade atual, estaria com problemas mentais.

Certo dia, em seu estado habitual de contemplação à natureza, sentada numa cadeira de balanço, recebendo a brisa suave que chegava a varanda, seus olhos brilharam quais estrelas a cintilar no céu. Nenhum de seus familiares ousava interromper aquele momento de introspecção, que, para Elvira era sagrado. Um bálsamo para sua existência.

De repente, numa dessas lembranças ela reviveu cenas vivenciadas há mais de 50 anos. Em sua visão era uma tarde daquelas, em que o Astro Rei parece querer incendiar a terra, ferver as águas dos rios e mares, dourando com seu esplendor todo universo. O casarão banhado pelo clarão do sol abria suas portas para receber familiares e amigos. O clima era festivo e a felicidade tinha cor áurea que cintilava e refletia nas alianças que repousavam numa pequena cestinha de vime decorada, aguardando a hora de serem colocadas nas mãos de quem de direito. O amor os conduziu àquele momento, indubitavelmente, inesquecível!

Desde aquele primeiro encontro, Alberto e Elvira, tornaram-se amigos inseparáveis. Boa parte da infância passaram juntos correndo pelos campos, a pé ou a cavalo, num entrosamento perfeito.

No entardecer de um novo dia, o crepúsculo, vestido de gala, dourava o firmamento e o leito do rio, com seu manto áureo, despertava sentimentos em corações carentes e amantes da natureza. Pássaros em revoada num canto saudoso buscavam nas copas das árvores seus ninhos. A

brisa sobre as folhagens dos arvoredos as faziam tremular, querendo embalar sonhos.

Elvira em sua cadeira, na contemplação habitual, dava asas a imaginação. Sentia-se feliz. Naquele momento encontrava-se diante de um fato que vivenciara há muitos anos atrás. Estava sentada ao lado de seu bem amado na sala, com visão para a varanda, aguardando os pais do seu futuro noivo. Alguns amigos vindos da vizinhança e outros da capital, onde eles passaram a residir e estudar. Muitos dançavam ao som de uma banda que animava a festa tocando e cantando músicas de Luiz Gonzaga. Repentinamente, Elvira levantou-se da cadeira onde estava e, lentamente, começou a dançar como se estivesse abraçada a alguém. Sentia sensações de felicidade idênticas às que sentira no dia do seu noivado. Essa sua atitude chamou a atenção de sua filha Edith, que, fugindo à regra, (de não importuná-la), acerca-se da mãe, fazendo-a voltar à realidade. Lágrimas brotaram ardentes.

Durante muitos anos ela e Alberto, numa comunhão conjugal, viveram em harmonia, constituíram família, viajaram, foram realmente felizes.

Finalizavam os preparativos para comemoração de Bodas de Ouro do casal. A capelinha decorada para a celebração da Santa Missa e após, um grande churrasco, preparado no capricho, os aguardava com música e comes e bebes com fartura. Família e convidados, todos reunidos, aguardavam a chegada do casal que se encontrava viajando.

As horas passavam e na fazenda a animação era geral, até que Élcio, o filho mais velho, estranhando a demora dos pais, comentou com Edith. Ela concordou.

Minutos depois, espalha-se a notícia na fazenda que havia ocorrido um desastre de carro na estrada. A aflição foi tomando conta de todos.

– Teria sido com o casal? Sabia-se que fora muito trágico e que um senhor teria sido transportado para o hospital. Todos estavam aflitos, mas no coração da filha brotava uma esperança de não ter sido com os pais dela. Élcio partiu em alta velocidade a procura dos pais. Ao chegar ao local do acidente, para sua felicidade, constatou, que se tratava de outro casal, além de outras pessoas feridas na colisão com um caminhão. Passado o susto, após mais algumas horas Elvira e Alberto chegam à fazenda. Comemoram em grande estilo, com direito a valsa. Tudo muito lindo!

A cada entardecer, lá estava ela, D. Alzira sentada em sua cadeira de balanço num lugar estratégico da varanda do casarão, deleitando-se com o crepúsculo e em seus devaneios diários, vivendo de recordações.

O que de inusitado e ou de inesperado teria transformado a vida de D. Elvira, a ponto de deixá-la ora feliz, ora sorumbática a cada entardecer?

Teria Alberto sofrido algum acidente, abandonado o lar, entrado em estado de coma profundo? Teria ele constituído uma família com outra mulher, e depois de tantos anos, ela tomou conhecimento? Teria desencarnado? Ou Alberto feneceu como o por do sol, lentamente, deixando nuvens douradas transformarem-se em sonhos para Elvira? Não se sabe! Ninguém comenta! Ela, principalmente. Passou, simplesmente, a viver das fantasias e reminiscências.

Ao longo dos anos, as marcas deixadas pelo tempo são retalhos costurados com a linha áurea da felicidade, ou pespontadas com a férrea linha dos desenganos.

.....

Sonho telepático

Acordei com uma sensação gostosa, qual êxtase,
Em noites de idílio de amor, coração fremente.
Ainda sentindo o néctar dos teus lábios quentes,
Sedentos sobre os meus, sugando-os avidamente.

Braços entrelaçados numa ternura envolvente!
Ápice de amor, essência, unido telepaticamente.
Sonho (ir)real, pensamentos flutuantes percorrem,
A estrada da vida, longa distância, saudade imensa!

Sob os alvos lençóis a suave fragrância do teu corpo,
Entorpecendo-me, doce delírio a inebriar-me a mente.

Platônicos sentimentos materializados, mentalização.
Matizes de carícias entre nuvens despidas de ilusão,
Bordando os devaneios, solidão em noite cálida, vazia.
Pespontando desejos realizados num cenário telepático,-
De mútuas mentes desnudas impregnadas de saudades.
Manhã radiante, frenesi, sensação de desejos realizados!

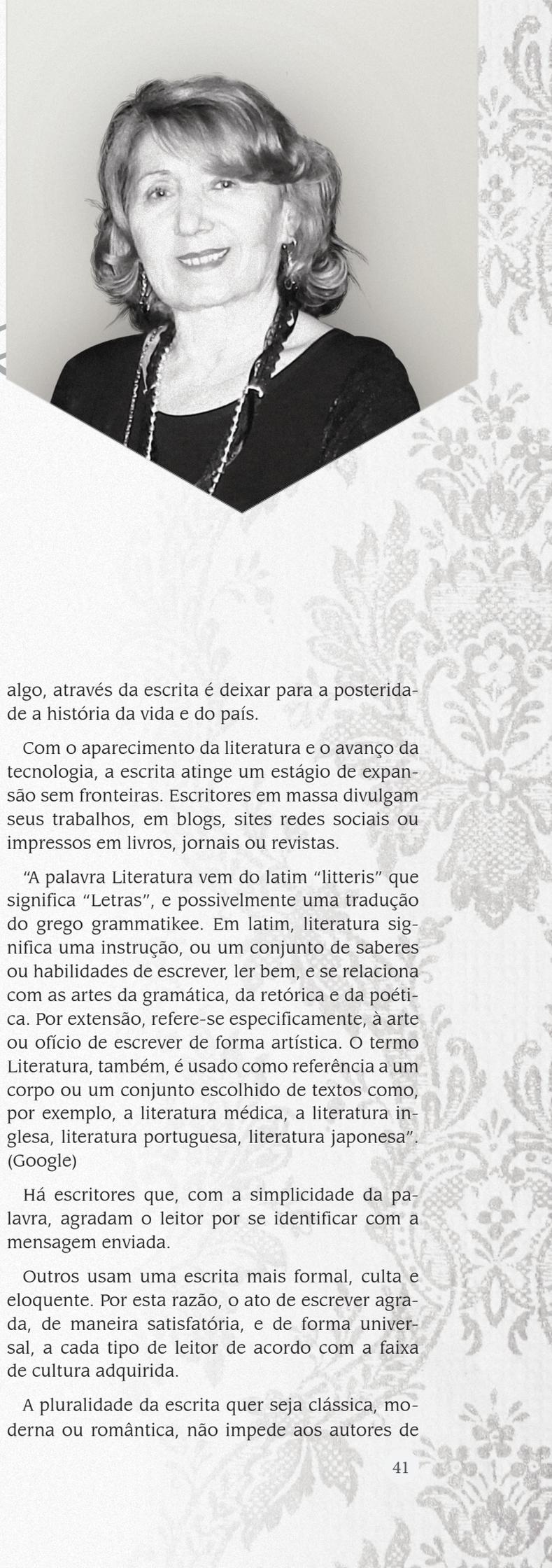
.....



Cadeira nº 18

Sonia Maria Nogueira

Patronesse: Núbia Brasileiro
sogueira@yahoo.com.br



Escrita e escritor

O homem sentiu necessidade de registrar a história e, através da arte, criava rabiscos humanos e animais, desenhava em rochas, uma vez que não havia a palavra, com o fim de divulgar acontecimentos pela passagem da vida, em qualquer época.

Os símbolos da escrita não existiram durante milênios. Os simples ideogramas foram encontrados em pedras, ou nas cavernas.

A oralidade fazia uso de sua força de expansão, para criar fábulas, lendas, aventuras e foram divulgadas de geração a geração. Muito se perdeu, pela falta da originalidade e fidelidade nas informações.

Com o aparecimento da escrita, 4.000 a.C. a população ficou à margem do saber. Somente uma classe reduzida de pessoas tinha o direito e privilégio para usufruir dessa maravilhosa descoberta: os sacerdotes, as classes financeiramente favorecidas. Negros, pobres, mulheres, operários ficaram excluídos dessa fantástica forma de comunicação.

Com muita luta, percorrendo estradas íngremes, ultrapassando barreiras, atravessando pontes, rejeição dos pais e maridos, as mulheres ganharam espaços, hoje, a luta é para que toda a população saiba escrever, é prioridade em todos os países.

A necessidade de escrever em prosa ou verso engloba grande parte da população, quer seja em diários, cartas, trabalhos escolares, poemas, artigos, discursos, contos, e crônicas, ou qualquer atividade que envolva a palavra escrita. Registrar

algo, através da escrita é deixar para a posteridade a história da vida e do país.

Com o aparecimento da literatura e o avanço da tecnologia, a escrita atinge um estágio de expansão sem fronteiras. Escritores em massa divulgam seus trabalhos, em blogs, sites, redes sociais ou impressos em livros, jornais ou revistas.

“A palavra Literatura vem do latim “litteris” que significa “Letras”, e possivelmente uma tradução do grego grammatikee. Em latim, literatura significa uma instrução, ou um conjunto de saberes ou habilidades de escrever, ler bem, e se relaciona com as artes da gramática, da retórica e da poética. Por extensão, refere-se especificamente, à arte ou ofício de escrever de forma artística. O termo Literatura, também, é usado como referência a um corpo ou um conjunto escolhido de textos como, por exemplo, a literatura médica, a literatura inglesa, literatura portuguesa, literatura japonesa”. (Google)

Há escritores que, com a simplicidade da palavra, agradam o leitor por se identificar com a mensagem enviada.

Outros usam uma escrita mais formal, culta e eloquente. Por esta razão, o ato de escrever agrada, de maneira satisfatória, e de forma universal, a cada tipo de leitor de acordo com a faixa de cultura adquirida.

A pluralidade da escrita quer seja clássica, moderna ou romântica, não impede aos autores de

prosseguir, em divulgar suas obras, e aperfeiçoar seu estilo.

Aquilo que deve ser escrito ao correr da pena, deve ser lido ao correr dos olhos. (José de Alencar)



Quando?

Quando te verei terra rica, amada,
saciada de amor, quando verei,
irmãos abraçados eu nunca sei,
ou no vermelho do asfalto a pegada.

No debruçar da janela, meus vazios
unem-se solitários do outro lado,
ao mirar o vulto velando o achado,
no açoite do vento, mil desafios.

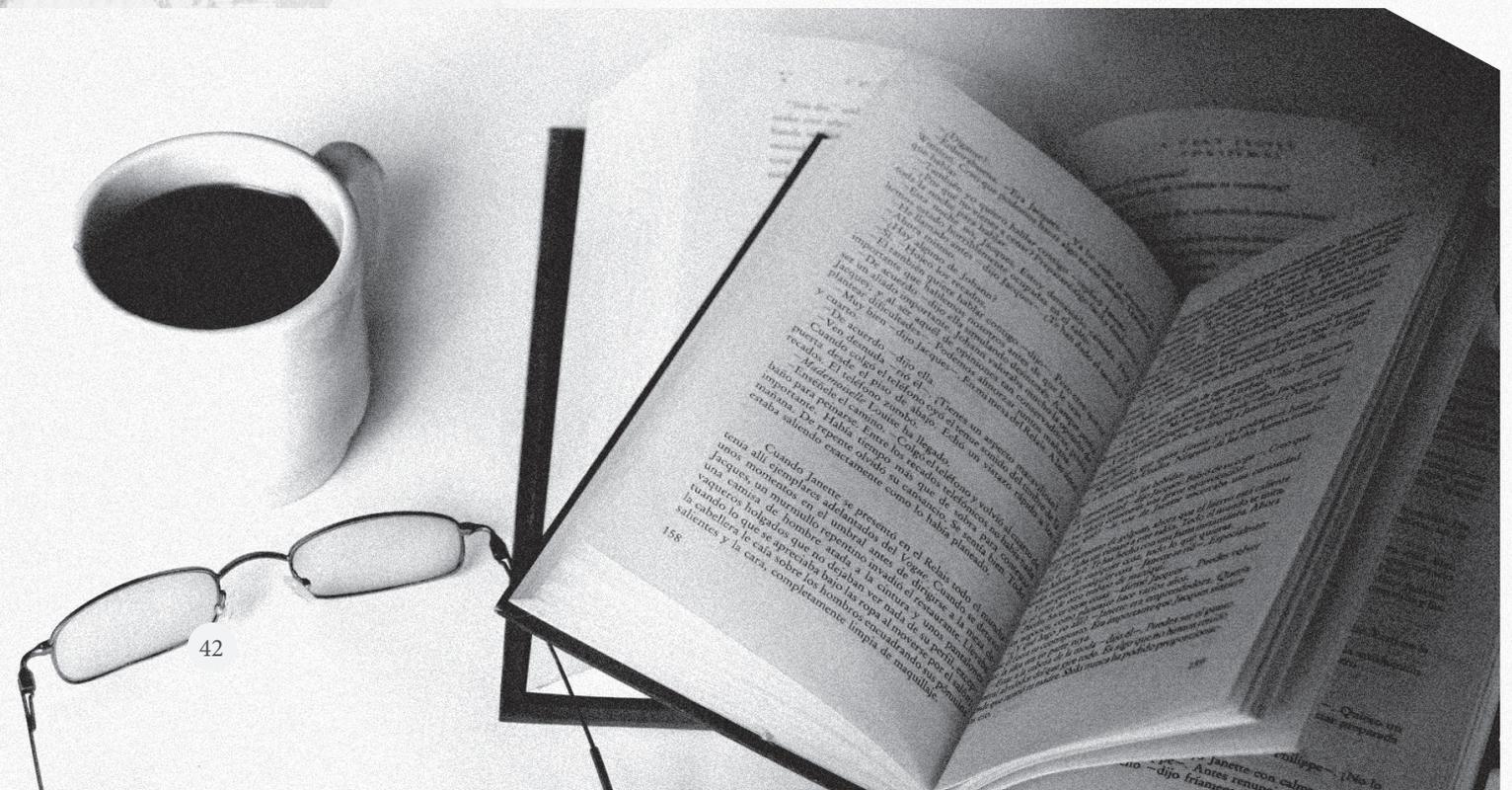
Quicá fosse de amor chuva e sol,
horas percorressem em calmaria,
minutos ajoelhados sem romaria,
idoltrassem natureza em seu paiol.

No berço todo olhar regasse afeto,
e nunca a correnteza em tom silente,
levasse uma vida, que sorte ardente!
Saída das entranhas sem lar, sem teto.

Quando meu olhar verá da porta,
Sorrisos sem dor, dor que lacera,
e quando a chama em sã quimera,
atine o timoneiro e onde aporta.

O mundo está em chamas. Vejo ali,
na tela, no comércio, na calçada,
o mar em reboliço traz na alçada,
o ébrio, o jovem que vive a consumir.

Bem longe o fogo queima a pele nua,
no lar desassossego, lágrima e dor,
talvez o mundo não deságue a rua,
nós passageiros com sina e desamor.



O planeta

Quando Deus criou o universo encheu o Sistema Solar com vários corpos celestes, estrelas, cometas, planetas e muitos, fora do alcance do nosso raciocínio. Dentre os planetas um pequenino, a terra, que mais parece um grão de areia em relação à grandiosidade do universo e nós seres racionais e irracionais invisíveis de tão pequeninos.

Esse gracioso planeta, pronto, com todos os artifícios para a sobrevivência do ser vivo pensante: água, ar, sol, terra, animais, vegetais. Então Ele pensou: farei um ser vivo retirado da terra que usufrua de todas as propriedades que nela residem. Fez uma bola com barro, moldou um corpo com cabeça, tronco e membros. Era arte de barro, a cultura popular. E Deus brincou com sua arte. Fez vários bonequinhos de barro. De acordo com a cor da terra saíam mais claros, outros mais escuros, e apreciou seus feitos.

Em seguida soprou e deu vida a um ser belo, forte e ignorante. Nada sabia da vida. Deu-lhe um nome. Pedrão ou pedra que atravessará os tempos. O pensamento reduzido suspenso no ar. Olhava ao seu redor e admirava a beleza da terra ainda sem nome. Dormia, alimentava-se, dormia. Sem dor, sentimento, alegria, tristeza, ódio, maldade.

Deus olhava-os com atenção e cuidado. Devo criar um ser igual para que possa multiplicar a espécie, sem minha interferência. Fez uma bonequinha, bonitinha, graciosa soprou em seu corpo e deu vida. Deu-lhe o nome de Diva, quer dizer

Deusa. Ambos se admiravam em silêncio, perdidos no tempo, alheios a beleza do corpo e da vida.

O criador pensou mais ainda. Criei dois idiotas sem senso de amor. Que descubram, pela própria experiência, o sabor da vida. Melhor assim, para não deteriorar minha criação. Certa noite um ratiinho subiu no corpo do Pedrão e o fez sentir cócegas, se contorcendo todo. Diva assistindo a cena aproximou-se tocou em seu corpo. Ambos descobriram o prazer do toque. Então nasceu a primeira palavra amor. A cada descoberta um dicionário de palavras foi surgindo e sendo batizadas pelos primeiros viventes. Descobriram os animais, a domesticação, o alimento, água, a natureza.

As famílias se multiplicaram, deterioraram as águas, surgiu a inveja, o ódio, o desamor, a vingança pelo poder.

Deus olhou para sua obra e disse: concederei a vocês o livre arbítrio, o bem e o mal habitarão sobre vocês e voltará do mesmo tamanho. Um dia prestarão conta dos seus atos. Tudo quanto plantarem será colhido no futuro, bons ou maus frutos. A terra há de chorar pelo descaso e pelos maus tratos. Ela te dar alimento, vestimenta, moradia e sustenta o solo, mas o sangue dos justos e dos inocentes, pinta o solo desolado.

Divirtam-se e sejam réus dos seus próprios atos.

Palavra dita.

.....



*Dá-me tua mão pantum**

Na paisagem ao longe eu te avistei
Numa tarde sublime tanto encanto
O sol declinava célere, postei,
O olhar, feiticeiro atraiu-me tanto.

Numa tarde sublime tanto encanto
Sob o Céu moldado numa gravura
O olhar, feiticeiro atraiu-me tanto
Água deslizava em pura candura.

Sob o Céu moldado numa gravura
O sol declinava célere de espanto
Água deslizava em pura candura
Postei-me nesta visão, entretanto.

O sol declinava célere de espanto
Pássaros saíram do ninho voaram
Postei-me diante à visão, entretanto
As folhas indecisas resguardavam.

Os pássaros saíram do ninho voaram
O sino ao longe, o ângelus repicava
As folhas indecisas resguardavam
A quietude do entardecer pairava.

O sino ao longe, o ângelus repicava
Apressei os passos ao encontro teu
A quietude do entardecer pairava
Cai à neblina, o vento uiva ao Céu.

Apressei os passos ao encontro teu
As mãos estendidas pedem o riso
Cai à neblina, o vento uiva ao Céu
Clarão ilumina vejo o teu sorriso.

As mãos estendidas pedem o riso
Hoje, no agora, sempre em comunhão
Clarão ilumina vejo o teu sorriso
No toque da pele, encontro tua mão.

Hoje, no agora, sempre em comunhão
Mentes unidas na mesma igualdade
No toque da pele, encontro tua mão
Na amizade e calor sou claridade.

Mentes unidas na mesma igualdade
Sou o presente, e cavalgando serei
Na amizade e calor sou claridade
Na paisagem ao longe eu te avistei.

** O pantum é originário da Malásia. É formado por quartetos com rima cruzada, em que o 2º e o 4º versos de um reaparecem como 1º e 3º do quarteto seguinte. O poema deve terminar com o verso que o iniciou, e o número de sílabas poéticas dos versos pode ser oito ou dez. Foi levado para a Europa por Vítor Hugo. No Brasil, Olavo Bilac e Alberto de Oliveira praticaram esse tipo de poema.*

.....



Cadeira nº 20 Mônica Serra Silveira

Patronesse: Edite Braga
monicawebsilveira@gmail.com



Mulheres escritoras na intimidade

Encontrar um livro interessante é realmente um grande presente para um leitor. “Escritoras e a Arte da Escrita”, de George Plimpton é um desses presentes, que me foi emprestado pela querida amiga e excelente escritora Simone Pessoa. Anotei alguns tópicos sobre as autoras entrevistadas na obra, algumas desconhecidas para mim, outras já conhecidas literariamente falando, mas que pude conhecer melhor na intimidade.

Uma das que desconhecia era Marianne Moore, que pertenceu a uma geração de escritores famosos, entre eles TS Eliot. Não tinha projetos literários, mas no colégio se interessou pela Revista Mensal de alunos, o que mostra que a Literatura encontra o autor, mesmo que ele não esteja nem pensando nisso. Marianne diz na entrevista que, no início, não achava que a produção literária dela tivesse algum valor. O interesse maior que possuía era pela pintura. Depois veio a Biologia. Não tinha ambição de ser escritora, aí virou bibliotecária, onde o contato com os livros, a leitura e o interesse pelas pessoas a transformou em escritora. Apaixonou-se pelo ritmo e pelas pronúncias. Assim acabou ficando famosa por sua obra.

Já Katherine Anne se encantou pela escrita logo que aprendeu as primeiras letras. Leu sonetos de Shakespeare aos 13 anos. Disse que não escolheu essa vocação, se pudesse não a teria escolhido, mas por essa vocação quis viver e morrer. Era jornalista e ativista política, ganhava a vida fazendo

resenhas, artigos políticos, trabalhos de redação e edição de texto. Ou seja, sempre ligada a arte de escrever. Escrevia sobre temas sombrios, traições, morte. No entanto, a gente sente como Katherine é uma pessoa bem humorada e sensível, que gosta de música, dança, piano, cantava e desenhava. Uma curiosidade: era tataraneta de Jonathan Boone, Irmão do lendário Daniel Boone. Seus livros devem ser interessantes.

Rebecca West parece ter tido uma vida bem sofrida. Com a morte do pai tuberculoso, a mãe, viúva, precisou trabalhar para sustentar a família e Rebecca foi a luta para conseguir uma bolsa de estudos. A mãe dirigia um escritório de datilografia e ela ajudava, o que a fez com que passasse a ter um olhar perspicaz para erros de escrita. Tinha problema de audição. Admitiu que provocava hostilidades, falou da necessidade de aceitação. Gostei dela, parece muito sincera. Passou pela experiência da guerra e falou da lição sobre o poder. Fiquei interessada em ler “Trio” da Collette, que ela disse ser maravilhoso. Já li um livro da Collette, “A Vagabunda” e adorei. Ela faz críticas a Tolstoi e TS Eliot. Nunca li nada de TS Eliot, mas gosto muito de Tolstoi, principalmente de Ana Karenina. E diz que L Baker é a melhor romancista que já leu. Nunca li nada dela, gostaria de conhecer.

Já Dorothy Parker escreveu o primeiro poema, aos quatorze anos de idade. Estudou em colégio de freira. Acabou sendo expulsa por dizer que a

gravidez da Imaculada Conceição era combustão espontânea. Precisava de dinheiro, conseguiu vender um poema por doze dólares. Imagino que deva ser uma sensação muito boa essa. Engraçado, nos EUA é muito comum eles comprarem contos, poemas e textos. Legal isso, né? Aqui a gente colabora de graça. Não tem essa tradição de comprar Literatura, a não ser quando se publica e faz um lançamento de livro. Foi crítica de teatro, mas foi despedida por ter acabado com três peças. Detestou trabalhar em Hollywood. Tratavam os escritores muito mal. Dorthy era feminista radical, mas bem humorada. Diz que o melhor romancista vivo é E.M. Forster. Não conheço. Dorothy gosta mais de escrever peças de teatro. Leva seis meses para escrever um conto, frase após frase, sem esboço inicial. Também sou assim. Não consigo pensar numa ideia completa e escrever, vai surgindo aos poucos.

O livro traz, também, entrevista com Paula Travers, a autora de *Mary Poppins*. A autora falou que enviou um poema para o escritor George Russell e mesmo sem saber a origem dela, ele elogiou e disse que só podia ser de uma irlandesa. Na verdade, passamos nossa origem de um modo ou de outro quando escrevemos. Quando nos aprofundamos de algo, sempre deixamos transparecer nossa origem, mais ou menos. A não ser quando, deliberadamente, queremos ocultar isso. Outro comentário dela que achei legal foi o de que ela não convoca a inspiração, a inspiração é que convoca ela. Também fala que através do comum o extraordinário pode ser visível e que certas coisas não tem resposta, porque não tem mesmo.

Chegamos a uma das autoras mais conhecidas do público: Simone de Beauvoir. Ela foi uma das que mais gostei no livro. Já assisti a um filme sobre a vida dela e fiquei com uma certa bronca com o Sartre, que adoro como escritor, mas como pessoa acho muito cruel em certas coisas. Simone começou a escrever aos 8 anos, mas só publicou o primeiro livro aos 35 anos. Sinto uma inveja boa de quem consegue esperar o momento certo para publicar. Eu sou muito impaciente e isso não é bom. Simone adorava clássicos, como *"Alice no País das Maravilhas"* e *"Peter Pan"*, o que me surpreende, pois demonstra um gosto pela fantasia, o sonho, o que nada lembra a praticidade que acredito haja em seus livros. Depois foi influenciada por George Eliot e disse que queria ter livros que comovessem o leitor como o dessa escritora. Também sofreu influências de Virginia Wolf, as irmãs Bronthé, Collette e Hemingway.

Disse que perdeu a fé religiosa. Mas diz que o amor verdadeiro, é muito raro, enriquece a vida. Era apaixonada pela língua inglesa. Acho muito legal a coragem dela em falar de temas que eram tabus na época, de como foi fiel as suas ideias. Você grifou frases dela bacanas *"Trabalhar é quase sempre um prazer"* e *"Sinto-me entediada quando não estou trabalhando"*. Quem escreve, realmente, necessita disso, da escrita.

Eudora Welty, era admiradora da escritora inglesa Jane Austen. Já no russo Tchekov sentia uma ligação com a América do Sul. Engraçado. Disse que, por causa do senso de humor, do significado que dava a família, da supremacia do destino na vida. Mas foi outra inglesa que Nadine acredita ter aberto a porta para ela, Virginia Wolf, como essa escritora influenciou outros autores, né? Não é pra menos, Virginia é muito diferente mesmo, fantástica. Nadine fala que nunca reescreve uma cena, no máximo corrige uma palavra. Interessante, diz que precisa confiar no momento. Você grifou a frase *"Quando leio, ouço o que está na página"*. Eu lembro que visualizo, mas ouvir, nunca percebi isso, e você?

Uma das mais polêmicas, Elizabeth Bishop, teve uma forte ligação com o Brasil. O que a trouxe aqui? Escrevia prosa à máquina, mas poesia não. Isso também acontece comigo. Não consigo criar versos no computador, só aperfeiçoar, depois de feito. Ela disse que começa muitas coisas e depois abandona. Também faço isso. Talvez por falta de disciplina, de tempo, não ter a Literatura como profissão, como deveria. Ela também era artista plástica nas horas vagas, eu não sabia. Disse que superou a timidez dando aula. Deve ser bacana dar aula, mas acho que é uma grande responsabilidade. Bishop lembra que Mariane Moore classificou um poema dela como poema de amor barato. Quase deixou ele fora do livro, mas o poema acabou virando música. Engraçado, como ela estranha a paixão dos brasileiros por telenovelas. Mas na época as novelas eram dramalhões mexicanos. O fato é que europeus e norte-americanos não entendem nossa facilidade de entrar no mundo da fantasia, na vida dos personagens das novelas. Nem sabem como fazer isso.

Uma das que já conhecia e nutro grande admiração é Mary McCarthy. Gostei de saber mais sobre ela, porque já tinha lido *"O Grupo"*, simplesmente adorei aquele romance. É meio autobiográfico. Mary diz que prefere um lugar com boa luz, tranquilo e agradável para escrever. Eu

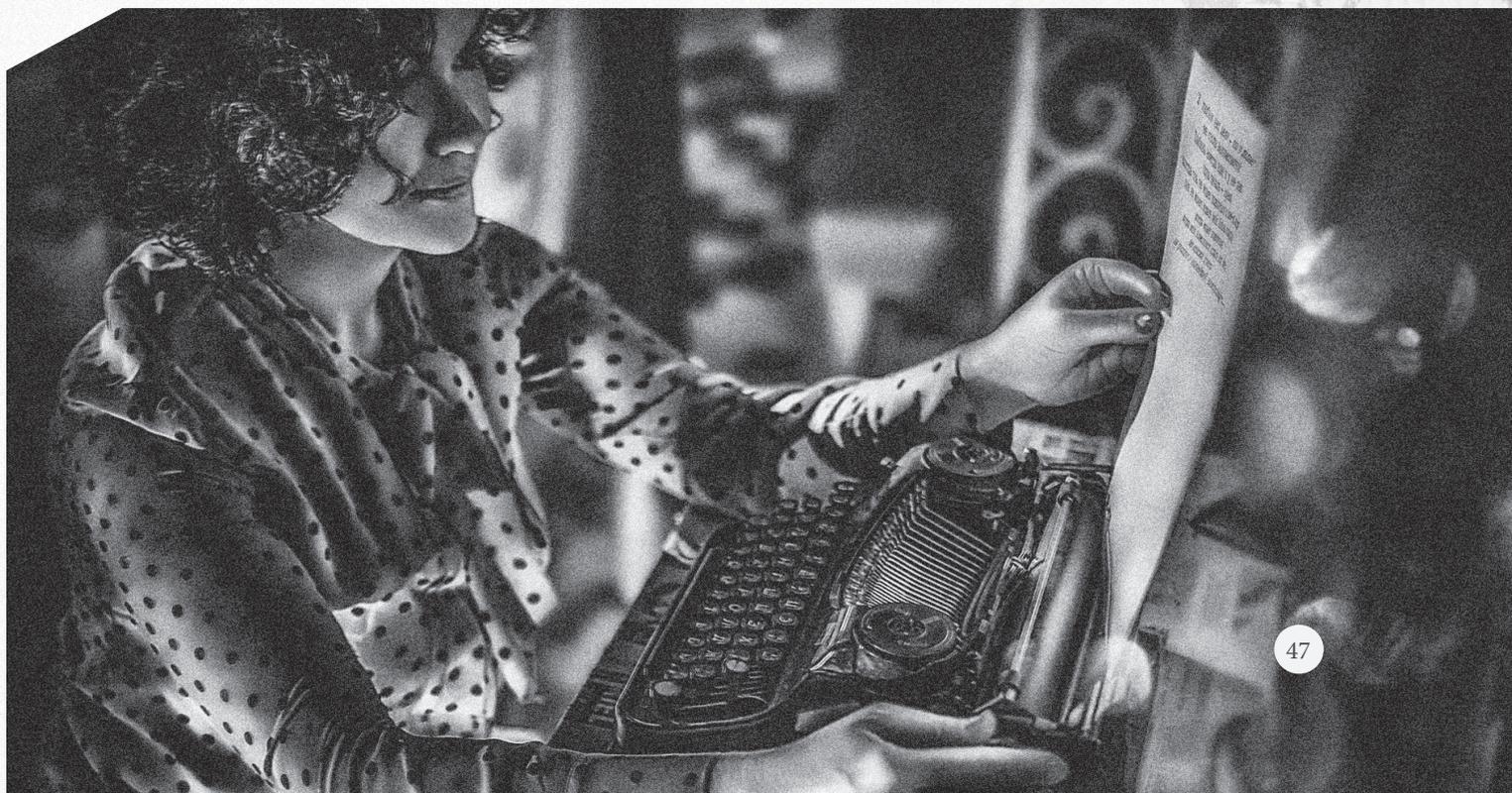
não tenho muito isso. Escrevo em qualquer canto, menos no carro, porque fico enjoada. Também não consigo escrever em conjunto, com alguém dizendo uma frase e eu outra. Fico, totalmente, inibida. No mais, escrevo em qualquer lugar. Pode ter o maior barulho, mas consigo escrever. Mary diz que queria fazer um romance policial, mas não conseguiu fazer um crime no romance. Parece ser disciplinada para escrever, tem horários, mais ou menos, certos. O primeiro romance dela nasceu de contos. Ela pensou em fazer contos e acabou fazendo uma história só, mas longa. Ela também gosta de se aproximar o mais possível da atmosfera do que escrever, para dar mais veracidade. Chegou a viajar para procurar a locação perfeita para um dos romances dela. Também foi professora, mas se recusou a dar aulas de criação literária. Era apaixonada por Charles Dickens e acabou gerando uma polêmica com um crítico de Dickens. Como alguém pode criticar Dickens?

Nadine Gordimer, sul-africana, é filha de inglesa e judeu. Boa mistura! Quando foi para Londres percebeu que a casa dela era a África. Escreveu com alunos negros de igual para igual. Prêmio Nobel de Literatura. Disse que recebeu pouca educação formal. Eram duas irmãs, ela era a caçula, mimada, queridinha. Disse que era malcriada, exibida, insuportável. Queria ser dançarina. Mas aos 10 anos sofreu um desmaio. Descobriram que ela tinha uma arritmia e hipertireoidismo. Aos 11 foi tirada da escola por um ano. Aí passou a ter uma infância muito controlada. Sofreu muito de solidão. Na adolescência tudo o que queria era

comprar livros. Acabou se tornando escritora. Quando escreve acha que as descrições dos personagens devem ser mínimas e apareça, aos poucos, nos livros.

Maya Angelou gosta de ler em voz alta para ouvir a melodia da língua inglesa. Tem todo um ritual para escrever. Aluga quartos de hotéis, não deixa trocar os lençóis, inspira-se na Bíblia com um copo de cherry do lado etc. etc. Curioso, né? Foi a primeira mulher negra a dirigir um filme e a ter um roteiro original no cinema. Você grifou que uma leitura fácil é muito difícil de escrever. Realmente, escrever complicado é fácil. Basta colocar umas palavras mais raras, sofisticadas, fazer frases mais longas, bem elaboradas e fazer voltas para dizer o que quer. Escrever fácil, encantando o leitor, sem ser vulgar, repetitivo ou simplório é muito difícil. Mas o resultado é espetacular!

Anne Sexton frequentou ginásio público. Aos 28 anos teve um surto psicótico. Tentou o suicídio. Disse ao médico que era uma inútil, não sabia fazer nada. Ele disse que não tinha nada errado com a mente dela e que precisava usar o talento criativo que possuía. Anne, então, fez um soneto, e mais outro. O médico a estimulou a escrever. Nunca fez faculdade, mas ensinou redação criativa na Universidade de Boston. Foi internada várias vezes. Continuou a escrever. Foi aconselhada por Robert Lowell a desconfiar da musicalidade fácil de uma frase e a buscar a franqueza da fala comum. Escreveu poemas sobre a loucura, as causas dessa loucura e sobre a decisão de viver ou morrer. Eram temas recorrentes. Para falar da



loucura preferia versos livres. Mas também usou métrica em outros poemas. Ganhou o Pulitzer de Poesia.

Toni Morrison também recebeu um Pulitzer de Poesia. Começou a escrever quando os filhos eram pequenos, antes do amanhecer, porque era o tempo que sobrava. Mais tarde, quando parou de trabalhar, ficou dois anos sem sair de casa. Descobriu muitas coisas sobre ela mesma. Estava escrevendo numa revista e começou a se sentir mais inteligente e confiante. Você grifou a frase dela “precisam conhecer melhor o seu melhor momento de criatividade”. Saber onde e como se sente melhor produzindo, criando. Disse que não conseguia escrever com regularidade, tinha um emprego e escrevia nos intervalos. É meu caso também. Era o seu, agora não é mais, que legal isso! Toni fala da importância de um grande editor. Outra coisa que achei interessante, que estimula a escrita dela, são as perguntas. E diz, por que os jovens de hoje com todo progresso, liberdade, conquistas, não são mais felizes do que as pessoas da geração dela? Isso seria um tema para escrever. Assim como outras perguntas.

A nova-iorquina Susan Sontag publicou, com apenas nove anos, um jornalzinho de quatro páginas. Depois vieram quinze livros. É uma anotadora inveterada. Escreve a mão. Viajou, constantemente, para locais de guerra. Você grifou a página escritor é alguém que presta atenção no mundo. Acho que isso é muito verdadeiro. Isso às vezes me causa problema. Observar mais ao invés de agir. Uma vez na faculdade, observei uma moça carregada de livros e caixas pegando o elevador com dificuldades. Só depois que ela conseguiu abrir a porta, me dei conta que devia oferecer ajuda. Ela, claro, ficou indignada. Respondeu: agora não precisa mais. Não fiz por mal. Simplesmente fiquei hipnotizada pela cena, pelos movimentos que ela fazia. Isso acontece muito comigo. Observo. Você faz isso também?

Joan Didion é californiana. Romancista, roteirista e ensaísta. Gostei muito da apresentação que Joan fez da entrevistadora, que não fez o texto de apresentação por ter morrido. Ficou poético, sensível. Responde a uma pergunta sobre escrever ser um ato hostil. Tentamos fazer com que as pessoas vejam as coisas da maneira que nós vemos. O escritor tenta fazer o leitor sonhar o sonho dele. Ela, no entanto, diz que procura ouvir o leitor, mas só ouve ela mesma. Escreve sempre para ela mesma. Acho que é assim mesmo, né?

Ela também escreveu desde menina. Acredito que na maioria das vezes a vocação chega cedo. Ela diz que tendo a primeira frase tem a peça inteira. Tudo flui dessa frase.

Joyce Carol Oates é Autora de 33 livros, 3 peças e ganhadora do Prêmio Nacional do Livro. A timidez dela, às vezes, é confundida com indiferença. Gostei da foto dela, lembra o jeito da Virginia Wolf, da Florbela. Diz que quantidade de livros não importa, mas sim as obras mais fortes. Gosta de ler resenhas e críticas, gosta de saber que alguém leu o que ela escreveu e de se manifestar a respeito. Às vezes a crítica é maldosa, o escritor sente como uma morte, mas depois se recupera. Não tem rotina formal para escrever. As vezes fica direto, da manhã até a tarde, quando flui bem. É professora e normalmente escreve durante 1 hora ou 45 min antes da aula. Acredita que, em certo sentido, o fato de escrever criará um estado de inspiração que acaba vindo.

• • • • •

Cadeira nº 21

Maria Ida Francisca Rodrigues de Carvalho

Patronesse: Emília de Freitas
baida.carvalho@gmail.com



Um maçante assobiador

E lá estava o sujeito chato! Pensava que era uma ave! Passava pela rua, impreterivelmente, às cinco horas da manhã, imitando o assobio de um pássaro, de forma intermitente.

— Fiu... fiu, fiu... Num ritmo cadenciado, de dois em dois minutos:

— Fiu... fiu, fiu... (dois minutos de silêncio e depois repetia). Era de enlouquecer! Somente nos dias chuvosos, isso não ocorria.

Ela rezava para que chovesse, eternamente, porque assim, poderia usufruir aqueles últimos momentos de sonho, de sono não interrompido. Infelizmente, porém, morava numa região onde a chuva era rara... E lá estava o cabra chato, assobiando de novo!

Aborrecia-se, levantava e intimamente, desejava que o infeliz torcesse a língua imaginando-a, malditamente, enrolada dentro da maldita boca, endurecida, num esgar de dor. Chegava a conjecturar que os lábios do mesmo permanecessem, para sempre, em formato de bico.

Era Sexta Feira Santa e ela lembrou-se da humilhação sofrida por Cristo. Também fora humilhada até o âmago de suas entranhas. Que terrível é a dor moral!

Rogou a Deus: “Pai afasta de mim este cálice”! Como era amargo! Mas tinha de passar por tudo isso; suplicou-Lhe forças para aceita-lo com dig-

nidade. Não se considerou covarde, pois o próprio Cristo pedira para ser poupado, Ele, que era Deus. Imagina ela, uma pobre criatura mortal, mulher num mundo machista, mulher cujo nome era sinônimo de nada!

Rainha do lar! Que lar? E alguma vez já fora rainha? Só, se da burrice, das carências afetivas... Estava num caminho sem volta, num barco à deriva que não sabia aonde ancorar. Será que existia âncora para ela? Considerou Deus sua âncora espiritual, mas duvidou de si mesma, afinal era uma pessoa? Julgou-se uma coisa, de bom, de ruim, de nada? Não achou resposta e decompôs o nome espiritual:

Es — de esperança?

Pi — 3,1416 a matemática precisa.

Ritual — manifestação exterior que representa, através de símbolos de ritos, a essência dos acontecimentos. Estaria certa a definição?

— Olha aí, Aurélio, esta é minha, tá? Pensou em voz alta.

Achou interessante falar sobre cimentos (dos acontecimentos) como argamassas que unem ou que cobrem, definitivamente, coisas indesejáveis, como: buracos, fendas, rachaduras.

Vidas esburacadas, rachadas, onde estão suas argamassas? Massas, amassadas, massificadas... Incoerentes, indeléveis, in alguma coisa...

In dentro; in vitro (dentro de); indefectível (sem efeito); inútil (sem utilidade). Logo, in não é dentro. Nossa, complicou tudo! Pensou.

Útil o que pode ser utilizado para fins diversos...

Retornou o pensamento ao tempo presente e notou que o assobio havia cessado. Ouviu barulho e gritos de pessoas correndo. Alguém, com os mesmos sentimentos seus, havia atirado no infeliz implume e acertara-lhe o bico, antes que o mesmo emitisse o último fiu...

Lembrou-se da crucificação de Cristo e perguntou-se:

— Fora inútil seu sacrifício? A humanidade continuava a mesma?

Sentiu remorso e tal qual Madalena, arrependeu-se de desejar mal ao maçante assobiador. Inspirada com a violência ocorrida, escreveu uma mensagem:

Na catarse emocional
Da crucificação,
Uns revoltam-se,
Outros se queixam,
Muitos se deprimem,
Poucos entendem a mensagem sacrificial.
Séculos passaram
E a humanidade continua igual!
Cultua a violência,
Na justiça coloca o julgamento,
No escândalo corrompe a inocência
E mata moralmente o irmão.
Não lavou a sua veste
Nem aspergiu a sua palma.
Ao corpo vivo falta-lhe a alma!
O sacrifício foi totalmente vão...

Afinal, fora por ela, pelo homem gaio e por aquele que o calara que Jesus morrera! Nenhum dos três aspergiu a sua palma...

.....



Visão de arte

Arte é toda manifestação visual, auditiva, tátil, gustativa, olfativa de nossos sentidos. Para ser reconhecida, pelo inconsciente coletivo, vai depender de como o outro irá interpretá-la. Poderemos ser famosos ou não, apreciados ou não, porque aquilo que produzimos representará, ao apreciador, a forma como o mesmo irá sentir, conforme a sua experiência de vida.

Poderia falar sobre os pintores: Leonardo Da Vinci, Van Gogh, Renoir, Dali, Chico da Silva; os escultores: Miguelangelo, Mestre Vitalino; os poetas: Dante Alighieri, Vinícius de Moraes; os compositores: Beethoven, Chico Buarque de Holanda; as cantoras: Maria Callas, Alcione; os bailarinos: Nijinsk, Barishnikov, Margot Fonteyn, Michael Jackson; os maestros: Strawinski, Arttur Moreira Lima; os estilistas: Dior, Clodovil; os perfumistas: Caron, Fleur de Roccaille, Pacco Rabane, Boticário, Florata in Gold, Givenchy, Eau de Cologne; os escritores: Rachel de Queiróz, Shakspeare, Machado de Assis; os atores: Marília Pera, Tarcísio Meire, Toni Ramos, Lima Duarte, Jack Nicholson; ao gourmet da cozinha internacional e nacional, porque cozinhar, também, é uma arte.

No entanto, a mais difícil das artes é a Arte de Viver, que depende somente de nós, embora muitas vezes tentamos responsabilizar o outro pelo nosso insucesso diante de circunstâncias existenciais. Jamais creditamos nossa boa realização pessoal ao outro. Ah! Essa é devida a nós mesmos e, é verdade, porque o livre arbítrio é somente nosso. Podemos ser influenciados pela cultura em que fomos criados, pela formação religiosa e ética, mas a escolha é nossa.

O conceito de espaço, forma, sonoridade, cores, sons, sabores, dependerá de como, tudo, se encaixa naquilo que falará mais alto à coerência interpretativa de cada um, na unicidade das arestas daquilo que está sendo apreciado.

A vida em sua plenitude, repito, depende somente de nós, por isso é tão mais difícil e mais artístico.

.....

Agradecimento

Preciso sentir segurança no futuro,
Penso e agradeço a Deus
A força de haver conseguido.

Os anos pesam
Mas agradeço a Deus, os ter vivido!
As experiências ajudam,
Mas elas sufocam
Eu agradeço a Deus as ter vencido.

Eu via o futuro tão denso
Mas agradeço a Deus o haver diluído
Os planos brotavam
Na esperança do tempo a ser consumido
E agradeço a Deus os haver definido.

Mas as tristezas esgotam todos os sentidos!
Estou perdida,
Esperança ferida,
Caminho estreito,
Lança partida?

Não, eu agradeço a Deus toda a minha vida!
E no tempo limitado, um futuro ao seu lado...

.....



Cadeira nº 27

Rosana Mamerton

Patronesse: Júlia Galeno
rosana_mamerton@hotmail.com

Sonho de vitalina

Esperando o cavalo branco e seu príncipe encantador
Ficou ela deitada e por isso não se cansou
O cavalo a galope, passou bem longe da donzela
O príncipe desengonçado só lhe deu rosa amarela
Tão linda e desiludida a moça ficou a chorar
Mas a lágrima secou logo e ela se pôs a olhar
No fim da rua, um carro a fumarar
E o que ela sonhava, estava para chegar.

Desceu tossindo o rapaz e ela não parava de olhar
Ele percebeu tal donzela que tinha finas canelas
Mas era ainda mais bela, que as mina do seu lugar.
O cabra nem perdeu tempo, deixou o carro e o assento
Subiu num jumento e se aproximou, dizendo:
Menina venha comigo, se você não tem marido
Dê-me uma chance querida! Vim te buscar
Apeie e sem demora, eu quero logo te amar.

.....

Cheiro de avó

Cheiro que não vai embora.
Cheiro que fica e demora,
Mesmo que Deus diga, vem, é hora.

A água desliza e você chora.
Sentindo o cheiro que outrora,
Exalava o aroma do amor da aurora.

O vento sopra e agora,
Amor e cheiro de vó.
Durmo e sonho senhora.

.....

Cadeira nº 29 Célia Oliveira

Patrona: Margarida Saboia Carvalho
annailec@uol.com.br



As jangadas

Costumava ir a enseada do Mucuripe, só para ver a chegada das jangadas. Gostava de ver o descarregamento dos peixes frescos, arabaiana, pargo, cavala e outros destinados à venda para o consumo do fortalezense, que, cedo, ficava a postos na praia, onde, ali mesmo, era tratado e pronto para o consumo.

A peixada cearense é prato indispensável na nossa culinária e muito apreciado pelos turistas que visitam nossa Fortaleza beleza.

As jangadas encantavam minha alma e ainda distante da praia, quando eu conseguia avistá-las, enquanto não chegavam, ficava a declamar, baixinho, a poesia "Jangada" de Juvenal Galeno da Costa e Silva (1836-1931) que aprendi a declamar, em sala de aula, na primeira escola pública que frequentei em Fortaleza no ano de 1961.

Minha jangada de vela/ Que ventos querem levar/ Tu queres ventos da terra/ Ou queres ventos do mar... Versos lindos onde o poeta Juvenal Galeno, cantou nossa jangada ressaltando seu perfeito bucolismo. Nesse cenário criou poesias e foi o primeiro, no gênero popular no Brasil e marco inicial da literatura cearense.

O jangadeiro tem seus mistérios, saía para pescar nas águas verdejantes do nosso mar sem saber se voltava, ou se morreria, docemente, por lá. Movido pela fé ele lutava muito para fazer valer seus direitos. Não tinha nenhuma proteção traba-

lhista, nenhum direito que estimulasse esse trabalho árduo e sofrido em busca do peixe nosso de cada dia. Foi quando, surpreendentemente, Manuel Olímpio Meira, vulgo Jacaré, em 1941, com mais três pescadores, mestre Jerônimo (Jerônimo André de Sousa), Tatá (Raimundo Correia Lima) e Manuel Preto (Manuel Pereira da Silva) saíram de Fortaleza na jangada São Pedro, confiando em Deus e na sabença deles, com destino ao Rio de Janeiro, a fim de sensibilizar o governo para que reconhecesse a profissão de pescador e concedesse uma aposentadoria digna.

A viagem longa, considerada uma verdadeira façanha, pelos grandes perigos enfrentados, levou mais de um mês e quando chegaram à Cidade Maravilhosa foram recebidos, festivamente, pelas autoridades e jornalistas. O Presidente da República, Getúlio Vargas, através do decreto-lei nº 8.832, de 18 de novembro de 1941, reconhece a profissão de pescador e concede o direito de aposentadoria a categoria. Uma merecida recompensa aos nossos heróis.

Outro jangadeiro notável, que, se destacou na História do Ceará, foi Francisco José do Nascimento. Em 18 de julho de 1917, seu nome foi inscrito no Livro dos Heróis da Pátria, que se encontra no Panteão da Pátria e da Liberdade, Tancredo Neves, em Brasília, através da Lei Nº 13.468/2017. O mesmo nasceu, em 15 de Abril de 1839, em Canoa Quebrada, Aracati-CE, também

conhecido como Chico da Matilde. Anos depois recebe a alcunha de Dragão do Mar. Líder nato, entre os companheiros, travou luta em favor do abolicionismo e para defender a causa abraçada, em 1881, recusou o serviço de transportar para os navios negreiros os escravos vendidos para o Sul do País, gesto heroico que contribuiu para que o Ceará se tornasse o primeiro estado da nação a libertar os escravos, em 1884, antecipando-se, em quatro anos, na abolição dos negros, a nível de Brasil. Dragão do Mar foi considerado herói das causas abolicionistas em nosso Estado. Ele, também, defendia a participação da mulher na sociedade. Em reconhecimento pelo que fez, foi criado, em 1999, no governo de Ciro Ferreira Gomes, o Centro Dragão do Mar, considerado o maior Centro Cultural do Brasil.

A jangada, símbolo icônico do Ceará, representa a tenacidade e a coragem do cearense, sem dúvida é referência do espírito aventureiro do povo que habita em terras de Alencar.

.....



Cadeira nº 31 Nice Arruda

Patronesse: Maria de Lourdes Hermes Gondim
adaunice@hotmail.com



Plantão 12 horas

Foram quase vinte anos como nutricionista clínica num hospital de urgência e emergência. Por questões de saúde tive que me aposentar mais cedo e ficaram muitas recordações de episódios marcantes, alegrias e sofrimentos.

O plantão começava às sete da manhã e encerrava às 19h. Nos primeiros anos, eu trabalhava as terças e quintas-feiras. Depois, aos domingos. Podia ser feriado de Páscoa, Carnaval, dia das Mães, dia dos Pais, Natal e 1º dia do ano, eu estava lá, trabalhando com prazer, dedicação e profissionalismo, modéstia a parte.

No fatídico onze de setembro de 2001, uma terça-feira inesquecível, ocorria o ataque terrorista às Torres Gêmeas, nos EUA. Eu estava trabalhando nos postos de enfermagem e em algumas enfermarias, a televisão mostrava o terror que abalava o mundo. Funcionários e pacientes se detinham para assistir.

Eu percorria os corredores do grande hospital me deparando com histórias e vidas. Umas com final feliz e outras...

Histórias comoventes que me levavam a muitas reflexões, como a do paciente de 53 anos, descoberto, bastante debilitado, com uma doença que lhe consumia a esperança. Ele sabia que ia partir. Certa manhã chegou à janela do 3º andar e distinguiu, lá embaixo, um homem sem camisa, degustando, saborosamente, uma fruta madura.

Encantou-se com o sol brilhando e os pardais voando felizes em sonoras algazarras às sombras das grandes árvores. Como ele desejaria estar ali, naquele momento. Quantas e quantas vezes não damos valor às pequenas e sublimes coisas da vida?

Outro momento inesquecível foi o da jovem de 16 anos, olhos fundos, corpo edemaciado e aparência sofrida. Também sem perspectivas de melhora. Durante a minha visita, pede-me um dos meus anéis. Prometi levar um de presente, no dia seguinte, mas, infelizmente, ela não estava mais em seu leito. E nem na vida.

Outra vivência desgastante foi a do garoto de oito anos, que perdeu a perna direita, em um acidente de moto. Não queria se alimentar. Sugeri um delicioso leite com achocolatado e presenteiei-o com um boneco super-herói. Ele agradeceu, timidamente. Sempre recordo esse garoto.

Fiquei muito sensibilizada com uma jovem bonita, recém-casada, olhar sereno e delicado, que enfrentou, bravamente, um tumor no estômago e após dois meses de tratamento, intensivo, recebeu alta hospitalar.

Em um desses plantões realizei um atendimento a um rapaz muito tímido e que não havia recebido nenhuma visita no Natal. Estava triste e desolado. Pergunto se quer falar com alguém. Ele responde que sim. Depois da conversa com sua

Nice Arruda

mãe ao celular, sorriu e dos nossos olhos escorreram lágrimas de alegria.

No viés de situações de penúria, encontrei pacientes com sorrisos contagiantes. Pessoas aliviadas após longos tratamentos. A esperança renascendo sem dor. Olhos brilhando na hora da visita. Foram muitas ocorrências que me deixaram feliz e agradecida a Deus!

Assim acontecia o dia a dia naquele hospital.

É, acredito que, quando atendia àquelas pessoas, cumpria uma das minhas missões neste mundo.

Valeu a pena!

E a vida segue...

"A roda viva... nas voltas do meu coração...".

.....



Cadeira nº 37 Eugênia Maria Carrah de Sales

Patronesse: Ruth Alencar Leão
eugmcs@hotmail.com



Voos altos, voos rasantes

A natureza sempre nos surpreende com suas lindíssimas lições de vida. Desta feita, digamos, assim, a realização da casa própria.

A pequenina casa, mas com certeza, confortável, construída com raminhos, cuidadosamente, escolhidos e bem trançados, por cada um, dos donos, e a sua vez, pois enquanto um tece e espera pela chegada do outro, que se demora, logo é avisado pelo canto peculiar: VEM! O labor, como única fonte de riqueza digna. A persistente dedicação, incansavelmente, assídua e, em tudo isto, o amor, transfigurando sua grandeza através da união e da partilha. Isso tudo mostrado, de forma concreta, por um casal de Bem-te-vis na construção, literalmente dita, de um ninho!

Feito, como sempre, com muito esmero, à uns 8 metros de altura em uma das partes de reforço do poste de luz. Justo onde passa uma espécie de cinta de metal, mais conhecida como: braçadeira, que serve para sustentação dos cabos de aço e do cano encurvado onde, na ponta externa e alta, é fixada um capacete e no seu interior a lâmpada de iluminação pública.

Que genialidade!

Pela escolha do lado, tudo indica que teremos um bom inverno. Nos últimos 5 anos os ninhos sempre foram construídos do outro lado do poste, com a entrada voltada para um terreno desocupado. Neste, em grande parte, existe um capinzal, como também abundantes arbustos com

ramagens, algumas árvores de médio porte que juntos formam uma biodiversidade de grande valia, pois também é fonte de alimento e abrigo para uma variedade de aves. Quero-queiros, sempre aos pares e em festa; periquitos tagarelas em grupos; marrecos com seus piados inverniais; garças em bandos ou sozinhas, tão delicadas e branquinhas, em seus voos suaves; os pardais sempre inquietos e reclamões saúdam o alvorecer e o entardecer. Neste mesmo terreno passa um rio a céu aberto, próximo a via asphaltada e movimentada. É neste espaço que fica o poste, o edifício do ilustre casal de moradores.

Estrategicamente, bem localizado, bem arejado, capaz de colocar no chinelo qualquer engenheiro ou arquiteto. Distante do risco de enchentes e ataques de qualquer espécie. Segurança total! Energia solar e elétrica, água em abundância, alimentação farta, próximo de tudo. E tudo isto – de graça!

Há quase 120 anos atrás, Antônio Conselheiro conseguiu provar, vivendo assim, em comunidade, através da partilha e do amor. Mas foi e foram, barbaramente, dizimados pela limitação humana mais conhecida como ambição, que é a marca registrada da política partidária, da qual hoje somos todos reféns!

.....

Semideuses

"Há o homem no ar! Suspenso por fio transparente, pendendo entre o amor e o ódio, querendo a chave de si próprio".

Carla Dias

Um dos maiores conflitos do homem é com ele mesmo, inserido forte e originariamente na cultura histórica religiosa, na sua ligação natural com o sagrado, sendo isso o elo que o liga a Deus, levando alguns povos, em nome da fé, a matarem e morrerem, desenvolvendo um sentimento de ódio maior que o amor, sendo este último, o principal mandamento expresso por Deus. Este Ser supremo que a tudo criou. Nesta perspectiva reflexiva e contemplativa, Nietshen nos provoca quando diz: "foi Deus quem criou o homem ou foi o homem quem criou Deus"? Acredita-se que 90% dos cristãos dirão, em coro, quase celeste que: foi Deus quem criou o homem, está na Bíblia Sagrada! Se for só por isso, quanta fé ingênua! Então lhes direi só para lembrar: existem livros sagrados de outras religiões antigas que antecedem o judaísmo e, conseqüentemente, o cristianismo, que são o hinduísmo e o budismo, sem falar com riqueza de detalhes nas religiões primitivas – indígenas e africanas. Estas, fortemente identificadas hoje como sincretismo. Por isso não devemos nos ater nisto.

Cabe refletir-se profundamente, desbancando, inclusive, não só a teoria sobre o macaco e, mais precisamente, sobre a do Big Ben. Só a título de esclarecimento, em relação a primeira teoria: se o homem descendesse do macaco até hoje os maca-

cos teriam (gerariam) humanos e vice-versa, pois não é comprovado pelo DNA que "filho de peixe, peixinho é"?! Já em relação a segunda, considerando-se, antes de tudo, que, a partir da partícula chamada átomo, resultante do choque e da explosão de outros corpos celestes, houve, ou melhor, há algo ou alguém, anteriormente, que criou esses corpos que deram origem a essa partícula. Um ser superior a tudo e a todos em inteligência inquestionável. A esse ser com tamanha sapiência, teve que receber uma identificação, um nome como todos os deuses – Cronos/Régia; Zeus/Hera; Iris/Isis; Eros/Afrodite; Netuno, Tupã, enfim, assim como toda uma gama mitológica de deuses que se tem conhecimento. E este mesmo Ser "nos fez a sua imagem e semelhança", com um detalhe, que a meu ver, diferenciado, com duas naturezas ao estilo Jesus: a humana, predominantemente marcada pelas limitações e a divina, sufocada pela humana. Esta dualidade conflitante entre corpo e espírito; do material visível, palpável, e do imaterial, invisível que até hoje, analisando-se, antropológicamente, sobre este aspecto, considerando-se toda a evolução científica e tecnológica, o homem nunca aceitou ser apenas criatura, mas sim criador/Deus!

Porém, Deus, na sua infinita sabedoria, "criou o corpo para tornar o espírito visível ao homem"! E esta é mais uma de suas manifestações de amor – a chave que abre todas as portas.

• • • • •



Convidada Especial

Ângela Gutiérrez

PRESIDENTE DA ACADEMIA CEARENSE
DE LETRAS

acdeletras@gmail.com



Como Nasceu o Silêncio da Penteadeira

Atrasemos o calendário e voltemos a 2011. Isso porque, como todas as vezes em que sou convidada a falar sobre algum de meus livros, sempre me pedem para começar do começo, ou seja, de como nasceu o livro, que semente lhe deu vida, já aprendi a lição e começarei do começo, pelo instante de criação d'O silêncio da penteadeira.

Pois bem, no ano de 2011, lia em meu quarto, quando, ao levantar os olhos do livro, vi minha imagem refletida no espelho da penteadeira. Tendo sido da casa de campo de minha bisavó Angela, passou para minha avó Laís, depois para minha mãe, Angela Laís e – finalmente –, para mim, Ângela Maria. Sou grata a minha mãe, por essa penteadeira do sítio de Mondubim, que me inspirou um livro, mas, sobretudo por outras fortes contribuições suas à minha carreira como escritora. Aprendi com Mamãe a contar histórias, (embora nunca com sua inimitável graça!), encantei-me com suas lembranças de família e da cidade de Fortaleza, aprendi a amar seu avô, meu bisavô, Thomaz Pompeu, tão presente em sua infância e em sua memória.

Voltemos à Penteadeira! Depois de algum tempo, percebi que, ao me olhar no espelho, na verdade, não me via, mas imaginava quantas histó-

rias essa penteadeira refletira em seu espelho, quantas cenas de vida guardara... Porém, como já maturava a ideia de escrever sobre temas e ambientes que não me fossem familiares, não queria que minha voz narrativa fosse a de uma escritora ao mesmo tempo professora, nem desejava, naquele instante, recriar a memória familiar. Queria sair de Fortaleza e ir para o sertão. Assim fiquei um tempinho olhando, olhando para o espelho e fabulando. Logo em seguida, sentei-me diante do espelho – espelho?, quero dizer da tela, tela do computador, e escrevi muitas páginas, tal como vocês as lerão. Por alguns dias, voltei a escrever com certa urgência em ver como os fios da narrativa se entrançariam e se desentrançariam e, de repente, o texto estava pronto. Alerto: ao dizer pronto não digo que todos os fios foram desentoados. Acredito que é preciso deixarmos alguns fios à espera que a mão do leitor deslinde pouco a pouco o que embaralhamos.

Ao me deslocar para o sertão, outras histórias foram surgindo e resultaram nos contos curtos e entrelaçados da coletânea Os sinos de Encarnação, publicada em 2012.

Enquanto isso, O silêncio ficou guardado. Não se enquadrava na moldura e na tela da coletânea.

Os contos d'Os sinos de Encarnação são curtos e cada um é, ao mesmo tempo, autônomo e parte de um mosaico maior - a coletânea. As tramas de cada conto se mesclam umas às outras por uma Sherazade das minhas terras de dentro, chamada Encarnação, que vai, ao longo do tempo e no ziguezague de seus passos, contando e entrelaçando as duas dezenas de histórias da coletânea.

Já a estrutura d'O silêncio da penteadeira é bem diferente. Não há histórias marginais e, sim, um eixo narrativo que roda sobre si mesmo, em constante retorno ao começo. Fernanda Coutinho, aliás, lembra a litania ou ladainha a propósito da reiteração das perguntas de Pequena, que se centram em buscar-se nas outras mulheres da família que não conheceu. Como futura herdeira da penteadeira em que se miraram sua bisavó, sua avó, sua mãe, Pequena procura em seu espelho as respostas que ninguém lhe quer ou pode dar. Em um de seus monólogos, ou diálogos fracassados com o espelho, diz: "Só tu podes me dizer quem elas foram e quem vou ser." [Que escritor pode fugir ao tema do espelho? Aquela lâmina que nos mostra o rosto que nunca veremos diretamente com o olhar - o nosso, e quando o vemos espelhado, enxergamos tudo ao contrário, o que está à direita vemos à esquerda e vice-versa. Atravessaria noites escrevendo se começasse a recordar agora o tema do espelho na literatura!].

Diferentemente de meus romances - O mundo de Flora e Luzes de Paris e o fogo de Canudos -, que, na tentativa de ampliar e diversificar o universo ficcional, lançam mão de grande número e tipo de materiais narrativos, como cartas, diário, bilhetes, cartões postais, documentos, estórias marginais, fotos, desenhos, narrativas orais, diálogos dramáticos, reproduções de telas e desenhos, notícias de jornal, e muitos mais; O silêncio da penteadeira atém-se ao essencial, o drama de Pequena em busca de si mesma, expressando-se em três tipos de linguagem que pede de empréstimo ao teatro: o monólogo de Pequena diante do espelho (em itálico, no livro), seus diálogos com as outras personagens (em redondo), e o que eu imagino como um coro de tragédia ou um narrador que não é personagem, pois está fora da trama, que não é onisciente, mas tanto pode ver as ações da protagonista, como enxergar seus pensamentos e sentimentos(em negrito).

Embora a ação desse, digamos, conto dramático não contenha, pelo menos, aparentemente, quase nada de dados autobiográficos, Descartes Gadelha

diz que o livro é muito parecido comigo. Pois é aqui que Descartes entra na história do livro. Mais um salto no tempo, e chegamos a 2015, quando, por conta dos 25 anos de publicação da primeira edição d'O mundo de Flora, algumas amigas, professoras universitárias e escritoras, generosamente, constroem um calendário de encontros em torno de meu primeiro livro e insistem, gentilmente, que eu publique O silêncio da penteadeira, para que seu lançamento fizesse parte dessa lembrança.

Analisado e aprovado para publicação pela Editora da UFC, encontro-me, casualmente, com Descartes Gadelha. Usando seus poderes de mago, o artista adivinha que estou editando um livro. Enuncio o título - O silêncio da penteadeira - e Descartes, imediatamente, considera-o muito sugestivo. Pergunto se faria uma ilustração para a capa do livro; responde-me com outra pergunta: quando vou ler os manuscritos? No dia seguinte, entrego os manuscritos a Descartes. Dias depois, o caro amigo chega em minha casa com vários rolos de papel que pareciam papiros. Eram 26 desenhos. E Descartes cria, assim, um outro silêncio da penteadeira, nascido de sua leitura singular e de seu traço inconfundível. Não nego que chorei ao ver suas ilustrações. Na hora em que as vi, lembrei que eu ficara maravilhada com os desenhos de Descartes para contos do inesquecível Moreira Campos publicados, em 2014, pela Confraria dos Bibliófilos do Brasil: Moreira Campos Centenário; Vinte e um contos selecionados. E agora eu teria também um livro todo ilustrado por Descartes?! Muito para meu pequeno Silêncio! Assim, o artista muda o rumo do livro, pois, com a riqueza de ilustrações, novo formato era preciso! E outro tipo de papel, capa dura, sobrecapa. Penteadeira começa outra vida.

"E o resto é o silêncio? Não. O resto é alegria. Tomara que os leitores gostem dele como minha mãe gostou. Tomara que vocês gostem do livro como o Descartes, que escreveu, enquanto lia os manuscritos: "Não consigo parar de ler, nem de desenhar."

.....

Convidada Especial

*Matusahila
Santiago*

PRESIDENTE DA ALA FEMININA DA CASA
DE JUVENAL GALENO

matusahilasantiago@hotmail.com



Amanhã

Sou uma gaivota valente
O meu espaço é o mar
Olho o estuário tão belo
E me diviso voando
Cortando as águas rebeldes
Como rebelde é meu mar!

Agora, asa caída,
Sem forças para voar,
Devoto-me ao horizonte,
Inútil querer lutar
Contra forças singulares
Que vão para não mais voltar!

Meu ninho agora é aqui,
Voar quem dera! Não posso.
Eu já trilhei meu caminho.
Doravante é só sonhar.

Voar com voos bizarros
Que deveria ter feito
Mas, deixei para amanhã
E, o amanhã, ele existe?

.....

Convidada Especial

*Lúcia
Recamonde*

PRESIDENTE DA ALACE

luciarecamonde@hotmail.com



If I Were Seventeen Again

(SE EU TIVESSE NOVAMENTE DEZESSETE ANOS)

Lembro quando era adolescente, estudante da Língua Inglesa, eu, em um dos livros de Literatura, me deparei com um texto intitulado: *If I were seventeen again*. Fiquei curiosa para entender o que significava aquele tema. O autor, que não lembro quem era, nem consegui seu nome nas pesquisas pela Internet, tentava convencer o leitor de que a melhor idade do ser humano era, exatamente, aos dezessete anos. Antes de analisar a minha própria vida, questionei minha leitura, aprofundi-me no livro, nos argumentos do autor. O texto dizia que aos dezessete anos, o jovem experimenta uma despedida da adolescência antes, mesmo, de conhecer a vida adulta. Diz-se ser adulto sem deixar de ser adolescente. Então, ele atreve-se, sem qualquer responsabilidade, aos desafios da vida...

Agora chegou a hora de analisar a minha vida. Na época, era uma pessoa desafiadora, que gostava de inovações, disputas, competições.

Aos dezesseis anos, decidi concorrer a uma vaga num concurso para intercâmbio cultural nos Estados Unidos. Oriunda de uma família de quatorze filhos era quase impossível conseguir o consentimento dos meus pais, pois, para eles, tudo na família deveria ser dividido igualmente.

Passei nos testes, já estudava Inglês há quase um ano. Agora, tinha um ano para me preparar e preparar minha família para essa grande aventura.

Meu pai achava que conseguiria me fazer desistir. Minha mãe duvidava que sua filha pudesse sobreviver em terras distantes, afinal, eu não sabia sequer, escolher a roupa adequada para certas ocasiões. Eu, também, sabia que seria difícil.

Estudava sobre todos os assuntos de meu país. Preparava-me para ser uma espécie de diplomata brasileira no estado de Illinois, portanto, precisava saber quase tudo, porque, certamente, seria questionada sobre os mais diversos assuntos.

Finalmente, o ano de 1973 chegou e ele trazia consigo meus dezessete anos. Meu embarque estava marcado para janeiro. Que sufoco! Meus pais me levaram até Recife de onde partiria o avião fretado com 250 adolescentes. Meu pai relutava até o último momento. Imaginem que ele só fez o câmbio no instante final, minutos antes do meu embarque. Sempre perguntando: — “Você tem certeza que quer viajar”? Minha mãe, como todas as mães, abençoou-me e desejou boa sorte. Prometendo rezar todos os dias para que minha viagem fosse prazerosa, e de grande valia. Assim parti. Era minha primeira viagem, primeiro voo e primeira vez sem meus pais. A curiosidade era tanta, que superava, em muito, meus medos, minhas saudades, minhas dependências.

Saímos com temperatura de quase 40 graus do Recife e chegamos em Detroit nevando. Lindo!...

Depois fomos para Chicago, Peoria e, finalmente, cheguei a Havana onde minha 'família americana' aguardava-me. Seria com eles e, naquele lugar, que passaria meus próximos seis meses. Havana era uma cidade minúscula, com quatro mil habitantes. Tinha biblioteca municipal, escolas maravilhosas (todas públicas) e estação de rádio que me surpreendeu desejando boas-vindas à brasileira Lucia. Nunca havia chegado um estrangeiro naquele lugar. Todos queriam me conhecer. Assim sendo, fui notícia em jornal e na rádio.

A primeira visita foi do pastor da Igreja Luterana (que minha família fazia parte). Perguntou o que eu precisava, mais urgentemente. Falei que teria que comprar roupas de frio porque na minha cidade não tinha inverno. À tarde ele voltou com muitas roupas doadas pelas garotas da cidade. Eu não precisaria comprar. Assim, conheci a SOLIDARIEDADE, o sentimento que encontrei nas 'terras distantes', como falava minha mãe. Naquela noite dormi numa cama alta, não entendendo por que usavam dois colchões, hoje sei que isso se chama cama box. No dia seguinte, fomos todos conhecer a escola que eu frequentaria. Um prédio enorme. Estrutura completa. Na diretoria escolhi as matérias que gostaria de estudar, a gente podia escolher as matérias que tinha maior afinidade e que seriam a base de nossa vida profissional. – Seria algo parecido com o que hoje chamamos de reforma do Ensino Médio? Cada professor tinha sua sala de aula e assim, os alunos, a cada toque, corriam em busca de nova sala de acordo com a matéria a ser estudada. Um sobe e desce de escadas, uma correria em busca do livro que havia ficado no 'locker', armário que cada dupla de alunos tinha direito para guardar seus pertences. Fiquei encantada, parecia que participava de uma cena de cinema. Passávamos quase todo o dia na escola. – Seria o que hoje chamamos de escola de tempo integral? Estudávamos as mesmas matérias todos os dias. Imaginem! Tínhamos Educação Física (matéria obrigatória) todos os dias da semana. Assim, conheci vários esportes: tênis, vôlei, boliche, baseball, handball, natação, além de praticar, precisávamos conhecer as regras. – Será que, assim, o aluno se sente estimulado para o esporte tornando seus países campeões nas mais diversas modalidades esportivas?

Viajamos de montão: Chicago ficava bem perto da cidade que morávamos e fomos lá várias vezes. Ali conheci o Aquário; Planetário; Museu de Ciências e Indústria, o primeiro museu interativo que conheci; John Hancock Building, o prédio

mais alto na cidade, com seus 100 andares. Estivemos em Minnesota, o estado dos dez mil lagos; Iowa; Missouri, onde fomos ao jogo de baseball, White Socks vs Cardinals, lá perdemos o carro que estacionamos em um dos prédios-garagem e não conseguimos lembrar em qual deles; visitamos muitas cidades do estado de Illinois; Indiana; Ohio; Pensilvânia, onde conheci uma penpel (correspondente); New York, essa cidade nos daria um capítulo à parte; New Jersey; Maryland; Delaware; Virginia; West Virginia e North Caroline.

Em New York, conhecemos a sede da ONU; Empire State Building; as Torres Gêmeas (World Trade Center) recém-inauguradas; Grand Central Station, maior estação de trens e metrô de New York. Nem imaginava o que era metrô. Estava tudo ali, tal qual podemos encontrar hoje, exceto aqueles dois edifícios dizimados em 2001.

Washington DC, capital do país. Casa Branca (White House), Cemitério de Arlington (Arlington Cemetery), onde encontramos os túmulos dos soldados mortos em guerras. Monumentos colossais como Jefferson, Abraham Lincoln, entre outros.

Já voltei várias vezes a muitos desses lugares, levei outras pessoas, mas nada comparado com a primeira vez que lá estive.

Tudo parecia mágico. Era uma espécie de transposição para um futuro que só hoje estou vivendo.

E voltando à leitura do texto que falei no início desse relato, *If I were seventeen again*, chego a conclusão de que concordo, totalmente, com aquele autor que não lembro o nome. Aquela idade foi um divisor de águas em minha vida, e que eu, certamente, não teria coragem de me aventurar se fosse mais jovem, nem teria tempo se isso acontecesse muitos anos depois.

• • • • •

Convidada Especial

Vanessa Gomes de Moraes

PRESIDENTE DO CENTRO DE CULTURA
DO CEARÁ – CCC

gmavanessa14@gmail.com



As Mulheres do Egito

“O conhecimento torna a alma jovem
e diminui a amargura da velhice”.

Leonardo da Vinci

No antigo Egito, a mulher teve papel importante, praticamente, exercia os mesmos direitos concedidos aos homens: posição social e jurídica privilegiada, recebia remuneração por serviço prestado, administrava suas propriedades e, na ausência do companheiro, era ela quem o substituíria, assumindo suas funções. Caso sofresse maus-tratos, adultério ou, por parte dele, de infertilidade, podia requerer o divórcio, no entanto, era muito cuidadosa com os filhos, o marido e o lar.

Nos registros históricos encontramos nomes de mulheres aclamadas deusas:

Hator, (deusa das mulheres e dos céus); Bastet, (deusa da guerra); Ísis, a mais conhecida, (deusa da magia e dos mistérios de todo o Egito, perfeita mãe). Outras, tornaram-se famosas.

Vejam os:

Hatshepsut, a mais popular, recebeu o título de Faraó e governou o Egito; *Nefertiti*, esposa de Akhenaton, teve vários monumentos erguidos em sua homenagem. Atualmente, apenas alguns estão preservados; *Nefertari*, esposa de Ramsés II, o Grande. Levantaram uma estátua, em Abu Simbel, em seu louvor; *Tuy*, mãe de Ramsés II e “Grande

Esposa Real” de Seti I; *Cleópatra*, foi a última rainha da dinastia de Ptolomeu.

O Egito, da atualidade, no entanto, apresenta-se bem diferente, tornou-se conservador. A mulher é vista pelo homem como mero objeto sexual, não tem direito algum. Casa-se forçada, sofre agressões, abusos, mutilação genital e é traficada, fatos esses, que, lhes causam, além de constrangimento, dor. Medo e insegurança fazem parte de sua rotina.

A indumentária usada é a burca, que lhe cobre o corpo, da cabeça aos pés. Apenas os olhos, timidamente, ficam de fora, através de uma nesga estreita.

Segundo a pesquisa, sobre os direitos das egípcias, pela Fundação Thompson-Reuters, de dezembro de 2013, os especialistas chegaram a um triste resultado, que, aponta o Egito, ser o pior país do mundo árabe. Dessa forma, o ambiente “limita a participação feminina na vida pública, afeta sua segurança, o senso de valor, a autoconfiança e a saúde”. E, quanto ao homem, tudo é possível, inclusive casar-se com quatro mulheres.

.....

Convidado Especial

*José Odmar
de Lima*

PRESIDENTE DO LIONS FÁTIMA
jodmar.lima@gmail.com



Ecloração

De onde vem, não sabemos
Onde vai, menos, ainda,
Caso esqueçamos, lembremos,
Que quando acaba, não finda.

Dádiva, certo, recebemos,
Daquela força suprema,
Da qual nós nunca esquecemos,
Pois, um verdadeiro emblema.

Vida, vivência vivida
Força, essência, partida,
Busca, decerto, sem fim.

Fim na chegada, vencida,
Caminho intrépido, seguida,
Eis um pedaço de mim.

.....

Convidado Especial

Silas Falcão

PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO
CEARENSE DE ESCRITORES
jfsilasfalcao@gmail.com



Pai, me dê a mão!

Conheci a capital aos nove anos de idade. Era 1966. Meus olhos se agitaram contemplando o nunca visto. Avenidas longas e arborizadas. Semáforos inquietos. Multidão de lojas, ruas e luzes. Trancelins de pessoas, olhares, vozes e carros.

Tudo era tão outro!

Papai saía cedo da casa do meu tio. No bolso, a relação das compras e o talão de cheques. Na mão direita, a minha mão empunhada firmemente. Íamos às fábricas. As horas consumiam os itens de compras. Da porta da fábrica eu contemplava os prédios elevando as pessoas em direção ao sol do meio-dia e o crescimento dos trancelins. Carros e bocas humanas gritando passagem. Olhando os infinitos movimentos desse novo mundo, eu me distanciava do meu pai e, assustado, retornava gritando: Pai, me dê a mão!

Camadas de décadas se avolumaram.

Vim morar na capital.

Tornei-me parte dos trancelins.

1990 foi o ano da última doença do meu pai. Uma vez por semana eu o levava à quimioterapia. As lâminas da metástase indomável ceifavam lentamente a sua voz grave, o seu olhar experiente, o andar vigoroso.

O guerreiro de tantas conquistas ia cedendo aos cortes da morte.

Numa manhã fria de sábado, a voz esmaecida do meu pai convidou: — Vamos ao Centro?

Na Praça do Ferreira, recordei a primeira Fortaleza de 1966.

Tudo era tão outro!

Reolhei meu pai capiongo e pedi: Pai, me dê a mão!

• • • • •

Convidado Especial

Felipe Matos

JOVEM POETA E ESCRITOR

felpsmiera@gmail.com



Sal

Seus orbes brilhantes,
Cobertas de amor,
Refletem memórias
De um dia que findou.

Passos compassados,
Refletem a luz
Dos últimos raios
Que na pele reluz.

A cada burburinho,
Das ondas do mar,
Fito teu sorriso,
Ânsia de provar.

Mergulho sem medo,
Sem pensar no final,
Te inundei de amor,
Mas você era sal.

.....

APRECIÇÃO DO POEMA SAL PELA ACADÊMICA IDA RODRIGUES

FELIPE MATOS - Poeta nato abre expectativa e no final frustra a mesma e mostra grande decepção, fazendo, exatamente, alusão ao nome da própria poesia Sal, deixando-nos entender que, tudo o que esperava, ou projetava, no final resume-se em Sal, ou nada.

Ocorre-me que, no sentido figurativo, a terra precisa de Sal porque se fosse, só açúcar, nos enjoaria. Há um equilíbrio entre os dois, o que nos leva a apreciar pequenas coisas da vida.

Os poetas e escritores precisam dos versos de Felipe, que são criativos, fazendo os degraus de uma escada perfeita, deixando-nos sonhar com o ideal do amor.

Cito um autor desconhecido: "É sempre melhor estar no final de uma escada que você quer subir do que estar no topo de uma que você não queria".

Felipe é romântico clássico, com alma, coração e amor. Surpreende-nos com a palavra "Orbes" (íris dos olhos) e leva-nos a imaginar um corpo celeste, um astro brilhante ao redor de outro astro. Comparação entre natureza e a poesia, diferente dos jovens de hoje, robotizados, que se ligam na informática, que se consideram espíritos livres, vivendo em solidão.

.....

Dr. Antonio Galeno

Diretor da Casa de Juvenal Galeno

por Francinete Azevedo

antonio_galeno@hotmail.com



A tradição literária, na tradicional Casa de Juvenal Galeno, continua. Em 2016, a Casa foi tombada, passando a ser patrimônio do Estado do Ceará. Isso se deve a Henriqueta Galeno, filha do Poeta, devotada amante da Literatura. No entanto, colocou uma condição: — O Solar deverá, para sempre, ser presidido por um descendente Galeno. A obediência a esse pedido permanece por três gerações. A primeira a ocupar o cargo foi Nenzinha Galeno, sobrinha de Juvenal Galeno. Após sua morte, assumiu o neto, Dr. Alberto Galeno. Atualmente, a Casa está sob a presidência de Dr. Antônio Santiago Galeno, bisneto de Juvenal Galeno, o entrevistado desta edição.

Francinete Azevedo: Dr. Antônio, qual o peso da responsabilidade de ser neto de Juvenal Galeno, Diretor deste sodalício histórico, por ter sido a residência do Poeta e de sua família e agora, acolhedora dos devotados praticantes das artes e das letras?

Antonio Galeno: Sinto uma grande satisfação em fazer parte dessa história, ao mesmo tempo, sinto uma grande responsabilidade em gerir um dos palcos mais antigos da nossa história literária, congregando valorosas expressões comprometidas com as letras e as artes cearenses.

F.A. De que maneira descobriu sua afinidade com a cultura?

A.G. Minha afinidade com a cultura vem de muito tempo, desde as minhas visitas à Casa do Poeta, aos lançamentos de livros de meu tio, Alberto Galeno. E ao assumir a direção da Casa, meu interesse aumentou, principalmente, ao pesquisar todo o acervo literário inserido em nossa biblioteca.

F.A. Qual o maior legado deixado, por Juvenal Galeno, aos cearenses?

A.G. Juvenal Galeno deixou um importante acervo literário para o Brasil, inclusive sua Casa, na qual se cultua a memória e a tradição da cultura cearense.

F.A. Qual o público que mais frequenta a Casa do Poeta?

A.G. Registramos, diariamente, as presenças regulares de escritores, poetas, artistas, estudantes, turistas e visitantes.

F.A. Quais as Academias Artísticas/Literárias que funcionam no Solar Galeniano? Qual delas é a mais antiga? E qual sua importância na sociedade cearense e brasileira?

A.G. Sob o teto da Casa de Juvenal Galeno, vivem expressivas instituições culturais do nosso Estado, a citar:

1. Ala Feminina da Casa de Juvenal Galeno
2. Academia Feminina de Letras do Ceará

3. Academia Afrocearense de Letras
4. Além do Verso
5. Comissão Cearense de Folclore
6. Associação de Ouvintes de Rádio do Ceará
7. Centro Cultural dos Cordelistas do Nordeste
8. Academia de Letras e Artes do Ceará
9. Academia de Letras Juvenal Galeno
10. Academia de Letras dos Municípios do Estado do Ceará
11. Associação Cearense de Escritores
12. Cooperativa de Cultura do Estado do Ceará
13. Associação de Ouvintes de Rádio do Ceará
14. Reunião da Associação dos Proprietários e Artistas de Circo
15. Sociedade de Geografia e História do Ceará
16. Acompanhamento da Associação Maria, Mãe da Vida
17. Associação Gnóstica de Estudos Antropológicos e Culturais, Arte e Ciência
18. Oficina de Canto do Coral Vozes do GARCE
19. Sindicato dos Artistas e Técnicos de Espectáculos Ceará
20. União Brasileira dos Trovadores
21. Núcleo dos Mágicos do Ceará
22. Grupo Chocalho
23. Academia de Letras do Brasil – Seccional Estadual Ceará

A instituição mais antiga é a ALA FEMININA da Casa de Juvenal Galeno, fundada em 1936 por Henriqueta Galeno, com o objetivo de congregar a cultura da mulher cearense.

Todas as entidades citadas realizam reuniões regulares e mantêm intercâmbio com outros grupos e entidades afins, em quase todo o Brasil, divulgando o potencial artístico e cultural do Ceará.

F.A. A história relata que o Ceará, desde cedo, foi um celeiro, admirável, de grandes escritores. Além de Juvenal Galeno, qual tem sua predileção?

A.G. José de Alencar, Antônio Sales, Rachel de Queiroz, Patativa de Assaré dentre outros.

F.A. Atualmente, como vê a atuação dos escritores, escritoras e artistas, em geral, do nosso Estado?

A.G. A atuação de nossos escritores está condizente com a era tecnológica ora vigente. Lamentamos apenas, a carência de incentivos por parte dos Órgãos Competentes, quanto à publicação e divulgação do potencial criativo de nossos artistas das letras e das artes.

F.A. Observa-se, hoje, no Ceará, no Brasil e no mundo, uma explosão de movimentos literários. Intensificaram-se as publicações de Livros, Coletâneas, Antologias e Concursos Literários reúnem escritores, estaduais, interestaduais e internacionais. Qual sua opinião a esse respeito?

A.G. É plausível de elogios esse interesse coletivo pela arte literária. Existe no mundo globalizado a necessidade de intercâmbios, através das Bienais, nacionais e internacionais, com o intuito de divulgar a cultura de cada local.

F.A. Aos seus olhos, o que falta ao Solar de Juvenal Galeno?

A.G. Citaremos as demandas imediatas que possibilitarão um melhor desempenho nas ações culturais: contratação de uma Bibliotecária e aquisição de equipamentos, imprescindíveis, na realização de eventos, atendendo, com excelência, aos escritores e artistas.

F.A. Que mensagem o senhor enviará, às Afelcianas, nesse ano, em que a Academia completa 15 anos?

A.G. Na qualidade de Diretor da Casa de Juvenal Galeno apresento minhas sinceras e efusivas congratulações à AFELCE. É uma honra tê-la como Parceira Cultural. Ao vencer dezessete anos de gestões profícuas transformou-se em uma Academia pujante e vencedora, através de incentivos às criações e publicações literárias, a citar: coletâneas, antologias, revistas acadêmicas, jornais, tornando-se uma das mais atuantes e importantes Arcádias da Casa de Juvenal Galeno e do Estado do Ceará. Por tudo isso, escritora, professora Clara Lêda, renovo minhas efusivas congratulações à senhora e ao colegiado afelciano. Obrigado.

• • • • •

Afelcianas “no mundo do faz de conta”

Francinete Azevedo

“O planeta não precisa de mais pessoas bem sucedidas. O planeta precisa desesperadamente de mais pacificadores, curadores, amantes de todos os tipos e contadores de histórias.” (Dalai Lama)

Bendita seja a magia do encantamento. E mil vezes benditos sejam os artífices do deslumbramento, artífices de fantasias, articuladores de sonhos!

E pela singeleza da criação encantatória, renderemos louvores aos escritores de histórias infantis, merecedores de encômios pela originalidade de suas produções literárias, propagadores que são do maravilhoso “Mundo do Faz de Conta”, esse universo sedutor no qual habitam fadas, bruxas, duendes, príncipes, princesas, toda a realeza, animais falantes, natureza generosa, enfim, seres outros que se transformam pelo poder criativo da imaginação.

A AFELCE abraça uma plêiade de mulheres, agentes condutoras de ilusões, habilidosas na arte de contar histórias, exímias artistas na retratação do real pelas lentes da fantasia, notáveis mestras no contributo à formação cultural de seus pequenos leitores.

Idealizar um mundo diferente, maravilhoso, humanizado é regalia dos que cultuam o amor, semeiam a paz.

O advento da tecnologia, seu crescimento exacerbado sufocando quaisquer tentativas de um relacionamento pessoal mais acon-

chegante, não subestimou a aptidão das arquitetas de um mundo mágico, alicerçado quase sempre na circunstante realidade. Para elas, essa fase de transição do imaginário “consciente”, tornou-se bálsamo nas dores provocadas pelas amarguras e decepções sofridas no dia a dia, percalços a que estamos fadadas, inscritos no grande livro da vida. E, graças a Deus, esse mundo enigmático, projetor de sonhos e anseios fantásticos permanece deslumbrando as crianças.

Hosana às inventoras e contadoras de histórias! Artistas, por excelência, na utilização do imaginário fértil das palavras coloridas para decantar o “suspense”, o “enigmático”, por vezes, o “sobrenatural”. E neste cenário majestoso, a vida real, feliz ou nefasta, é revelada sob a luminosidade da fascinação.

Afelcianas, continuemos no ofício de arquitetas de “sonhos azuis” divulgando a força magnética da imaginação, que define o amor, joia preciosa, talismã poderoso, na valorização das pessoas e na consolidação de ideais!

A AFELCE embala a bandeira destes sonhos, alicerçada na esperança, sob os matizes do arco-íris, fíncada neste mundo de emoções fantásticas que dão sentido à vida!

.....

Hino da AFELCE



Letra e Música:
Eugênia Maria Carrah de Sales

I.

No canteiro belo da Arte,
Uma roseira formosa nasceu.
E nas tuas folhas o que se escreveu,
Nas rosas o saber se reparte.

Estribilho

Academia Feminina de Letras
Do Ceará – AFELCE faz tua história!
És jardim que só cultiva rosas;
Céu na terra de imortais estrelas.

II.

Paladinas da obra literária;
Pilares em mármore esculpidas;
Laboriosas constantes na escrita,
Na leitura, nesta nova arcádia.

III.

Panteão de maravilhas divinais;
Archote deste farol sagrado;
És templo da cultura, és legado;
Silogeu majestoso de imortais.

INESP

INSTITUTO DE ESTUDOS E PESQUISAS SOBRE
O DESENVOLVIMENTO DO ESTADO DO CEARÁ

João Milton Cunha de Miranda

Presidente

EDIÇÕES INESP

Ernandes do Carmo

Coordenador da Gráfica

**Cleomarcio Alves (Márcio), Edson Frota,
Francisco de Moura, Hadson França e João Alfredo**
Equipe de Acabamento e Montagem

Aurenir Lopes e Tiago Casal

Equipe de Produção em Braile

Mário Giffoni

Diagramação

José Gotardo Filho e Valdemice Costa (Valdo)

Equipe de Design Gráfico

Rachel Garcia Bastos de Araújo

Redação

Luzia Lêda Batista Rolim

Assessoria de Imprensa

Lúcia Maria Jacó Rocha e Vânia Monteiro Soares

Equipe de Revisão

Marta Lêda Miranda Bezerra e Maria Marluce Studart Vieira

Equipe Auxiliar de Revisão

Site: <https://al.ce.gov.br/index.php/institucional/inesp>

E-mail: presidenciainesp@al.ce.gov.br

Fone: (85) 3277-3701



**Assembleia Legislativa
do Estado do Ceará**

Assembleia Legislativa do Estado do Ceará

Av. Desembargador Moreira 2807,

Dionísio Torres, Fortaleza, Ceará

Site: www.al.ce.gov.br

Fone: (85) 3277-2500

AFELCE *17 Anos*
2019

Convite

A Academia Feminina de Letras do Estado do Ceará, movida pelo entusiasmo dos seus 17 anos e as comemorações do Centenário da Casa de Juvenal Galeno, realizará um Sarau Lítero Musical, pleno do romantismo que marcou a participação definitiva da mulher no mundo das letras e das artes. Contamos com sua presença.

Acontecerá um concurso sobre a caracterização mais original.

Clara Leda de Andrade Ferreira
PRESIDENTE

Local: Casa de Juvenal Galeno
Rua General Sampaio, 1128 - Centro
Dia: 01 de junho
Horário: Depois do sol e antes das estrelas
Traje: A caráter (Dama e cavaleiro da época)

**Mesa Diretora
2019-2020**

Deputado José Sarto
Presidente

Deputado Fernando Santana
1º Vice-Presidente

Deputado Danniell Oliveira
2º Vice-Presidente

Deputado Evandro Leitão
1º Secretário

Deputada Aderlânia Noronha
2ª Secretária

Deputada Patrícia Aguiar
3ª Secretária

Deputado Leonardo Pinheiro
4º Secretário



**Assembleia Legislativa
do Estado do Ceará**